

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

MARINA SPERANZA

**SENTIMENTO DE PERTENÇA DE ADOLESCENTES NA INTERFACE COM A
SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO DE ESCOPO**

SÃO CARLOS

2021

MARINA SPERANZA

**SENTIMENTO DE PERTENÇA DE ADOLESCENTES NA INTERFACE COM A
SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO DE ESCOPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos para o Exame de Defesa como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional. Linha de Pesquisa: Cuidado, Emancipação Social e Saúde Mental.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Barboza Cid
Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

SÃO CARLOS

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Marina Speranza, realizada em 22/02/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Fernanda Barboza Cid (UFSCar)

Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães (UFSCar)

Profa. Dra. Luciene Regina Paulino Tognetta (UNESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Agradecimentos

Somente foi possível desenvolver este trabalho por conta das pessoas que estiveram comigo ao longo últimos anos, que, direta ou indiretamente, contribuíram com a conclusão do meu mestrado.

À minha orientadora, Maria Fernanda, que sempre acolheu minhas angústias e desesperos com muito afeto e compreensão. Sou muito grata à nossa parceria que se iniciou desde a minha graduação, e tem me proporcionado muito crescimento e aprendizagem.

Aos meus pais, Vânia e Alexandre, que sempre se esforçam para me oferecer todo suporte necessário para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Aos meus irmãos, Raquel e André, que sempre torcem muito por mim.

Ao meu namorado, Ygor, que com muito amor e cuidado suportou meus momentos mais difíceis.

À minha querida amiga, Mayara Mazak, minha dupla de mestrado, “Mayara&Maraísa”, com quem compartilhei todas as durezas e delícias de estar na pós graduação, e foi peça fundamental para que eu conseguisse desenvolver minha pesquisa mesmo em meio a pandemia da COVID-19, que trouxe muitas angústias e incertezas.

Às minhas professoras e amigas, Amanda e Giovana, que me incentivaram a ingressar no mestrado, e fizeram muitas parcerias comigo, contribuindo muito com a minha formação enquanto terapeuta ocupacional e pesquisadora.

Às minhas amigas que a graduação e a pós graduação me proporcionaram- Mariana, Mayara Kado, Bárbara, Renata, Thaís e Thaís Souza. Sou muito grata por ter vocês como amigas e colegas de profissão.

Às minhas amigas e colegas de trabalho Roberta, Juliana e Lívia, que sempre me incentivaram a buscar o meu crescimento profissional.

Aos membros da minha Banca de Qualificação, prof^a Lilian Magalhães e prof^a Teresinha Cid, pelas leituras cuidadosas do meu trabalho e por todas as contribuições dadas neste processo, que, certamente, enriqueceram minha pesquisa de mestrado. Também, agradeço à prof^a Luciene Regina Paulino Tognetta e novamente à prof^a Lilian Magalhães, por terem aceito o convite para compor a minha Banca de Defesa do mestrado.

Por fim, agradeço à CAPES, ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos PPGTO/UFSCar, e em especial ao grupo de pesquisa LaFollia- Laboratório de Terapia Ocupacional e Saúde Mental, do qual faço parte, por tornarem esta pesquisa possível.



RESUMO

Estudos epidemiológicos têm apontado uma alta prevalência de sofrimento psíquico em adolescentes, que têm aumentando ao longo dos últimos anos, ao mesmo tempo em que se observa a escassez de pesquisas que focalizam elementos envolvidos na produção de saúde mental junto a essa população. No sentido de contribuir com a ampliação deste debate, o presente estudo agrega a variável sentimento de pertença, que tem sido apontada como um construto importante para a compreensão da saúde mental das pessoas em geral, especialmente na adolescência. Nessa direção, o presente estudo teve como objetivo mapear e analisar a literatura científica sobre a temática do sentimento de pertença de adolescentes na sua interface com a saúde mental. Trata-se de uma revisão de escopo, que adotou como referencial teórico a abordagem proposta pelo Instituto Joanna Briggs- JBI para revisões de escopo. A busca foi realizada nas bases de dados Web of Science, Scopus, Scielo e BVS, e os termos utilizados foram “*sense of belong**”, *teenage**, *adolescenc**, *youth*, “*mental health*” e “*well-being*”, e seus respectivos correspondentes nos idiomas português e espanhol. As pesquisas nas bases geraram um total de 270 resultados, sendo que 21 foram considerados elegíveis por tratarem, de forma articulada, os três temas centrais desta revisão, ou seja, adolescência, saúde mental e sentimento de pertença. Além disso, foi realizado um processo de consulta nas listas de referência desses estudos, somando nove fontes adicionais à amostra da presente revisão, totalizando 30 estudos na amostra final. Observa-se que 247 estudos foram excluídos por não responderem aos objetivos da pesquisa e/ou por estarem duplicados nas bases de dados. Sobre os resultados, os dados quantitativos foram analisados por meio de análises descritivas quantitativas e organizados em gráficos e tabelas, e os dados qualitativos, advindos dos objetivos das produções encontradas, por meio da análise temática. Aponta-se que 23 estudos utilizaram metodologias quantitativas, que mais da metade das pesquisas foram desenvolvidas no contexto escolar, e que não foram encontradas produções na América Latina. Sobre os dados qualitativos, emergiram as seguintes categorias de análise: 1) A centralidade da escola na construção do sentimento de pertença de adolescentes 2) Sentimento de pertença e o sofrimento psíquico em adolescentes; 3) Sentimento de pertença como fator de proteção da saúde mental de adolescentes; 4) Outros fatores relacionados ao sentimento de pertença de adolescentes; 5) Validação de escalas que avaliam o sentimento de pertença. Observa-se a partir dos resultados advindos das produções selecionadas, que o sentimento de pertença está relacionado à saúde mental dos adolescentes, na medida em que envolve a forma como esses indivíduos se engajam

em suas atividades e relações sociais, influenciando, também, nos processos de participação social nos diferentes contextos em que essa população circula. Aponta-se a necessidade de estudos futuros realizados de forma qualitativa, especialmente de maneira participativa, englobando os diferentes contextos em que os adolescentes brasileiros circulam ou possuem o direito de circular e também as diferentes populações de adolescentes.

Palavras-chave: Sentimento de Pertença, Adolescência, Saúde Mental

ABSTRACT

Epidemiological studies have pointed out a high prevalence of psychological distress in adolescents, which have been increasing over the last few years, at the same time that there is a scarcity of research that focuses on elements involved in the production of Mental Health among this population. In order to contribute to the expansion of this debate, the present study adds the variable sense of belonging, which has been identified as an important construct for understanding Mental Health of people in general, especially in adolescence. In this direction, the present study aimed to map and analyze the scientific literature on the theme of sense of belonging of adolescents in its interface with Mental Health. This is a Scoping Review, which adopted the approach proposed by the Joanna Briggs Institute-JBI for scoping reviews as a theoretical framework. The search was carried out in the Web of Science, Scopus, Scielo and BVS databases, and the terms used were “sense of belong*”, teenage*, adolescen*, youth, “mental health” and “well-being”, and their respective correspondents in Portuguese and Spanish. The search in the databases generated a total of 270 results, 21 of which were considered eligible because they addressed, in an articulated way, the three central themes of this review, namely adolescence, Mental Health and a sense of belonging. In addition, a consultation process was carried out on the reference lists of these studies, adding nine additional sources to the sample of the present review, totaling 30 studies in the final sample. It is observed that 247 studies were excluded because they did not respond to the research objectives and/or because they were duplicated in the databases. Regarding the results, the quantitative data were analyzed through quantitative descriptive analyzes and organized in graphs and tables, and the qualitative data, derived from the objectives of the productions found, through the Thematic Analysis. It is pointed out that 23 studies used quantitative methodologies, that more than half of the researches were developed in the school context, and that no productions were found in Latin America. Regarding qualitative data, the following categories of analysis emerged: 1) The centrality of the school in the construction of the sense of belonging of adolescents 2) Sense of belonging and the psychological suffering in adolescents; 3) Sense of belonging as a protective factor for the Mental Health of adolescents; 4) Other factors related to the adolescents' sense of belonging; 5) Validation of scales that assess the sense of belonging. It is observed from the results from the selected productions, that the sense of belonging is related to the adolescents' Mental Health, as it involves the way these individuals engage in their activities and social relationships, also influencing the processes of social participation in the different contexts in which this

population circulates. It points out the need for future studies carried out in a qualitative way, especially in a participatory way, encompassing the different contexts in which Brazilian adolescents circulate or have the right to circulate and also the different populations of adolescents.

Keywords: Sense of Belonging, Adolescence, Mental Health

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - – DIAGRAMA DE BUSCA E SELEÇÃO DOS ESTUDOS 34

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS QUE COMPÕEM A REVISÃO	35
QUADRO 2 - ESCALAS DE AVALIAÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENÇA UTILIZADAS POR 9 ESTUDOS	44
QUADRO 3 - PRINCIPAIS REFERENCIAIS TEÓRICOS SOBRE SENTIMENTO DE PERTENÇA UTILIZADOS PELOS ESTUDOS.....	50
QUADRO 4 - ANÁLISE TEMÁTICA QUANTO AOS OBJETIVOS DOS ESTUDOS	54

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ANO DE PUBLICAÇÃO	41
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS SEGUNDO LOCALIZAÇÃO GEPOLÍTICA	42
GRÁFICO 3 - ÁREA DOS PERIÓDICOS	43
GRÁFICO 4 - METODOLOGIAS UTILIZADAS	44
GRÁFICO 5 - CONTEXTOS DE REALIZAÇÃO DOS ESTUDOS	48
GRÁFICO 6 - CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES DOS ESTUDOS	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. OBJETIVO.....	25
2.1) Objetivos específicos:	25
3. METODOLOGIA:	25
3.1) A Revisão de Escopo:	26
3.2) Procedimentos:.....	27
3.2.1) Definição do título e da questão de pesquisa	27
3.2.2) Definição dos critérios de inclusão e exclusão	28
3.2.3) Definição da estratégia de pesquisa	29
3.2.4) Seleção dos estudos/fontes de evidência.....	31
3.2.5) Consulta.....	31
3.2.6) Extração dos dados	32
3.2.7) Análise e apresentação dos resultados	32
4. RESULTADOS:.....	33
4.1) Categoria 1- A Centralidade da Escola na Construção do Sentimento de Pertença de Adolescentes.....	56
4.2) Categoria 2: Sentimento de pertença e o Sofrimento Psíquico em Adolescentes	67
4.3) Categoria 3: Sentimento de Pertença como Fator de Proteção da Saúde Mental de Adolescentes.....	69
4.4) Categoria 4: Outros Fatores Relacionados ao Sentimento de Pertença de Adolescentes	71
4.5) Categoria 5: Validação de Escalas Relacionadas ao Sentimento de Pertença de Adolescentes	73
5. DISCUSSÃO.....	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. REFERÊNCIAS:.....	88

APRESENTAÇÃO:

Desde a graduação tenho me envolvido com diferentes projetos de extensão relacionados à saúde mental da população infantojuvenil. Depois de formada trabalhei com crianças e adolescentes com dificuldades no âmbito da saúde mental e a prática profissional me intrigou a buscar e a contribuir com a construção de novos conhecimentos a respeito da saúde mental infantojuvenil e sobre a Terapia Ocupacional.

Quando ingressei no mestrado meu desejo era desenvolver uma pesquisa de campo, já que na graduação não havia tido nenhum contato com estudos dessa natureza. Logo imaginei que cursar o mestrado seria algo desafiador, ainda mais em meio a um cenário nacional político e social de total desvalorização da ciência. O que eu não esperava é que o ano de 2020 traria desafios ainda maiores devido à pandemia da COVID-19. Porém, acredito que desenvolver pesquisa em tempos tão difíceis é um ato de resistência que se faz necessário! Confesso que foi um desafio desenvolver este estudo, com toda angústia advinda das incertezas da atual crise de saúde pública que estamos vivenciando.

A proposta inicial para o meu mestrado, em 2019, era desenvolver uma pesquisa participativa com adolescentes sobre sentimento de pertença. Eu estava muito animada com o desenho do meu estudo, e já havia conhecido os adolescentes que iriam participar, porém ainda não havia iniciado a coleta de dados quando o isolamento social, medida de controle da transmissão do vírus que causa a COVID-19, se fez necessário. Aos poucos eu e a minha orientadora fomos entendendo que meu estudo de campo seria inviável para meu o mestrado, por conta da necessidade de distanciamento social.

Tivemos que mudar os planos, e com a ajuda do nosso grupo de pesquisa- *LaFollia*, decidimos fazer o presente estudo de Revisão Escopo a respeito do sentimento de pertença e sua interface com a saúde mental de adolescentes. Escolhi estudar a esse tema, dentro do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional-PPGTO, por compreender que o sentimento de pertença está relacionado com a forma como os indivíduos produzem seus cotidianos e realizam suas atividades, importantes objetos de estudo para a terapia ocupacional. Acredito que compreender os fatores que perpassam o desenvolvimento do sentimento de pertença de adolescentes aos

diferentes espaços da sociedade trará importantes implicações para a prática e pesquisa da terapia ocupacional.

Na introdução deste trabalho contextualizo a compreensão de adolescência adotada, apresento o referencial teórico da atenção psicossocial, e o que foi encontrado enquanto referencial teórico sobre sentimento de pertença na literatura internacional. Na seção “Metodologia” apresento o referencial teórico-metodológico utilizado, a abordagem do Instituto Joanna Briggs- JBI para revisões de escopo, bem como a descrição dos procedimentos realizados. Na seção “Resultados”, os estudos que compõem a Revisão de Escopo, os resultados quantitativos, por meio de gráficos e tabelas, e os resultados qualitativos, analisados em categorias temáticas. Por fim, apresento a discussão dos resultados a partir do referencial teórico do sentimento de pertença, da atenção psicossocial e da compreensão de saúde mental de forma ampliada e desvincilhada de uma visão fragmentada dos sujeitos.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser compreendida como uma etapa entre a infância e a vida adulta, durante a qual os adolescentes passam por mudanças físicas, sociais, intelectuais e de identidade, culminando em uma transformação na forma como compreendem a si mesmos e aos seus contextos de vida. (ABRAMO, 2005; LÉON, 2005). Não se trata, contudo, de uma fase de latência para esses indivíduos se tornarem cidadãos, pois essa compreensão anula as possibilidades de a sociedade reconhecê-los como sujeitos sociais do presente. (ABRAMO, 2005; BRASIL, 2014).

O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA considera adolescente os indivíduos com idade entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990), enquanto a Organização Mundial da Saúde- OMS, a faixa etária de 10 à 19 anos. (OMS, 2014). Embora a demarcação do período da adolescência seja importante em termos jurídicos, a literatura tem discutido os conceitos de juventude e adolescência, sendo, a juventude, um conceito mais amplo, que abarca desde o início da adolescência até a fase de jovens adultos. Pontua-se que o término da juventude é algo subjetivo para muitos autores, e este processo depende de inúmeros fatores e interpretações do que representa ser jovem. (ABRAMO, 2005; LÉON, 2005; MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011). De qualquer forma, em termos jurídicos, o Estatuto da Juventude considera jovem aqueles com idades entre 15 e 29 anos. Apesar das diversas formas de compreensão das adolescências e dos diferentes marcos etários dessa fase da vida, este estudo possui a pretensão de investigar especificamente o período da adolescência, dos 10 aos 19 anos, de acordo com a compreensão da organização mundial da saúde. (OMS, 2014).

Dada a complexidade e a pluralidade dos contextos socioculturais nos quais a adolescência se expressa, alguns autores a têm tratado, conceitualmente, no plural, e destacam não ser possível descrever uma única maneira de vivenciar essa etapa da vida, devido às diversas possibilidades de expressão das “adolescências”. Visto isso, indica-se que os espaços e grupos sociais podem contribuir com a exclusão social de adolescentes quando não consideram suas subjetividades. (ABRAMO, 2005; ROSSI et.al, 2019). Portanto, as transformações vivenciadas no processo do adolecer somadas às expectativas sociais projetadas nesses indivíduos, configuram, segundo alguns autores, uma fase da vida mais vulnerável à vivência de problemas relacionados à saúde mental. (OMS/OPAS, 2016; ROSSI et.al, 2019).

Sobre isso, estudos epidemiológicos vêm sinalizando a alta prevalência de sofrimento psíquico entre adolescentes, a qual vem aumentando ao longo dos últimos anos. (OCDE, 2019; OMS/OPAS, 2016). Tendo em vista esse panorama mundial é possível reconhecer a importância do desenvolvimento de estratégias que realcem o fortalecimento da saúde mental, os fatores de proteção, e a redução de fatores de risco que expõem os adolescentes às vivências de sofrimento psíquico (OMS/OPAS, 2016; ROSSI, et al., 2019).

Atualmente, a saúde da população infantojuvenil é compreendida de forma ampliada, para além da doença e das ações curativistas. (FERNANDES, 2019; CHAMBERS; PRINGLE; JULIANO-BULT, 2012; PATEL, et al., 2007; TAÑO, 2017). Isso representa na prática uma relação direta entre acesso aos direitos sociais e a saúde dessa população. (BRASIL, 2005; BRASIL, 2014). Particularmente sobre a saúde mental, constata-se que no Brasil às ações destinadas a esses indivíduos estão circunscritas no paradigma da atenção psicossocial, que compreende o sujeito para além do diagnóstico e leva em consideração a experiência do sofrimento psíquico, e reforça o entendimento da participação social e do exercício de cidadania como favorecedores da saúde mental da população infantojuvenil (BRASIL, 2005; BRASIL, 2014; FERNANDES, 2019; TAÑO, 2017;).

De acordo com Fernandes (2019), a saúde mental infantojuvenil é compreendida como a:

[...] dinâmica e resultado da relação complexa entre os recursos e habilidades pessoais, fatores contextuais e determinantes sociais, que na dimensão do cotidiano estão diretamente implicados nas possibilidades de participação, fruição, reconhecimento e enfrentamento de desafios. O que, dentre outras, envolve a possibilidade de experimentar prazer, frustração, afeto, motivação e proatividade implicados nas descobertas e aprendizados genuínos da infância e adolescência. (FERNANDES, 2019, p. 107)

Salienta-se que a importância da saúde mental é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde- OMS que corrobora a definição de saúde mental apartada da ausência de doença, e a aponta como um estado completo de bem-estar físico, mental e social. Assim, a OMS associa este conceito a auto eficácia percebida, autonomia, competência, dependência intergeracional e a auto realização do potencial intelectual e emocional das pessoas. (OMS, 2001).

No que toca às ações práticas e políticas designadas à população de adolescentes e também de crianças no Brasil, Ribeiro (2006) revela que até o final do século XIX não havia nada

estruturado e sistematizado nesse sentido. Em contrapartida, a partir desse século, as primeiras ações de assistência à essa população operavam de forma normatizadora e disciplinar, e eram inspiradas pela cientificação da disciplina médica e pelo resultante discurso do movimento higienista (RIBEIRO, 2006; TAÑO, MATSUKURA, 2015).

Durante os séculos XIX e XX, a população infantojuvenil sofreu processos de institucionalização, justificados pelo ideal de proteção e controle social do modelo higienista (RIBEIRO, 2006; TAÑO; MATSUKURA, 2015), e a partir dos movimentos sociais da década de 1980, de luta pela redemocratização da política brasileira, especialmente àqueles relacionados à reforma da assistência à saúde mental, deu-se início ao questionamento da experiência da institucionalização como potencializadora da alienação e da exclusão social. (AMARANTE, 2007; COSTA-ROSA, 2000).

Esses movimentos trouxeram como contribuição fundamental para a população infantojuvenil a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (1990), que reconhece que esses indivíduos gozam de todos os direitos fundamentais da pessoa humana, sendo o dever da família, da comunidade e do poder público assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, ao esporte, à educação, ao lazer, à cultura, à profissionalização, ao respeito, à dignidade, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

Nada obstante das conquistas dessa época, foi com maior lentidão que a reestruturação das políticas destinadas à crianças e adolescentes no âmbito da prática, se fizeram presentes se comparado aos adultos. Portanto, aponta-se a necessidade de reparação do histórico de negligência e descaso vivenciado por esses indivíduos nos últimos séculos, de tal maneira que seja possível progredir em termos de propostas políticas e práticas para acolher e responder de forma efetiva às reais necessidades dessa população. (COUTO; DUARTE; DELGADO, 2008; COUTO; DELGADO, 2015; FERNANDES, 2019).

Em particular aos adolescentes, importa destacar que a união “infância-adolescência”, tanto conceitualmente quanto em termos de políticas e ações, tem sido debatida e estudos atuais apontam para a invisibilidade do adolescente, nos serviços, nas políticas e nas pesquisas, já que as especificidades da infância são destacadas em detrimento das singularidades do ser adolescente. No entanto, a ausência dos mesmos nos serviços de saúde e, atualmente o crescente índice de evasão escolar dessa população, evidenciam que esses sujeitos ainda se encontram às margens da

assistência e do direito de exercício de cidadania. (ROSSI, et al., 2019; SILVA; CID; MATSUKURA, 2018; TAÑO, 2017).

Considerando as prerrogativas do cuidado em saúde mental - não só no âmbito estratégico, mas também às ações de promoção da saúde mental - que valorizam a construção da participação social dos sujeitos em diferentes contextos (AMARANTE, 2007; AMARAL; CAPONI, 2020), e atentando que para identificar e responder às reais necessidades dos adolescentes em sofrimento psíquico (e não só) é necessário ouvi-los e incluí-los na construção das estratégias de cuidado (AMARAL; CAPONI, 2020; ROSSI, et al., 2019), indica-se a importância de compreender o real significado da participação social para os adolescentes, colocando o holofote na perspectiva desses indivíduos, e compreendendo o que significa, para eles, participar da sociedade, revelando quais os lugares que eles precisam e/ou desejam estar.

A literatura tem apontado o sentimento de pertença como uma variável fundamental à compreensão dos processos de participação social de adolescentes na sociedade, e também como conceito-chave para a ampliação do debate sobre a saúde mental e da construção de identidade desses indivíduos. (BAUMEISTER; LEARY, 1995; HATCHER; STUBBERSFIELD, 2013; O'BRIEN; BOWLES, 2014).

Destacando essa temática, Baumeister e Leary (1995), a partir de referenciais teóricos das ciências sociais, educação e da psicologia que estudam sobre as relações sociais entre as pessoas, desenvolveram a teoria do sentimento de pertença, descrevendo-o como uma necessidade fundamental e universal dos seres humanos, que transcende fronteiras culturais e influencia as atividades humanas. Nesse sentido, os sujeitos possuem o impulso de formar e manter pelo menos uma quantidade mínima de relacionamentos interpessoais duradouros, positivos e significativos, os quais permitem que eles se sintam respeitados, reconhecidos e apreciados por suas qualidades individuais. (BAUMEISTER; LEARY, 1995). Salienta-se que os autores diferenciam conceitualmente as palavras “necessidade” e “desejo”, frisando que a insatisfação de um desejo pode produzir angústia temporária, mas, em contrapartida, a insatisfação de uma necessidade potencialmente produz adoecimento, tanto psíquico quanto físico.

Além disso, a Teoria de Baumeister e Leary (1995) também foi desenvolvida a partir da Teoria da Motivação de Maslow, de 1943, (PRINCE; HADWIN, 2013), que postula a respeito das 5 necessidades básicas dos seres humanos, que podem ser organizadas em hierarquia de acordo com a sua importância para a sobrevivência humana. No primeiro nível, o mais básico, incluem-

se as necessidades fisiológicas (fome, sede, sono). Posteriormente, a necessidade de segurança e previsibilidade. No terceiro e no quarto nível, incluem-se, respectivamente, a necessidades de pertencimento e de estima, como autoconfiança e valor. E por fim, necessidade de autorrealização, ou seja, de satisfação com a própria existência. Para Maslow as necessidades são interdependentes, do nível mais básico ao mais complexo. Por exemplo, a ausência do sentimento de pertença inviabiliza total ou parcialmente, a depender do grau de exclusão social, as necessidades subsequentes como a de estima e de autorrealização (PRINCE; HADWIN, 2013).

Ann Wilcock, cientista ocupacional e terapeuta ocupacional, desenvolveu a teoria denominada Perspectiva Ocupacional da Saúde, “*Occupational Perspective of Health*” (OPH), na qual apoia a ideia de que os sujeitos possuem necessidade de engajamento em ocupações pessoalmente significativas, e destaca que as ocupações humanas são integradas pelas dimensões Fazer, Ser, Transformar-se e Pertencer (HITCH et al., 2014). A dimensão do Fazer conecta-se com o engajamento ativo em ocupações, e envolve as habilidades necessárias e a capacidade de adaptação conforme as circunstâncias de cada sujeito. A dimensão Ser é a maneira como as pessoas se sentem diante daquilo que fazem, ou seja, é a consciência subjetiva da própria existência. Transformar-se relaciona-se à mudança e ao desenvolvimento dos sujeitos, processo marcado pelas possibilidades de crescer e criar algo para o futuro (WILCOCK, 2006). Sobre a dimensão “Pertencer” ou “Belonging”, Wilcock (2007) a relaciona com as relações interpessoais entre as pessoas, ocasionando apoio mútuo e amizade, senso de inclusão e conexão entre as pessoas, autoafirmação e reconhecimento positivo de si em relação aos outros.

De forma geral, a literatura tem evidenciado que o sentimento de pertença está relacionado à saúde mental e ao bem-estar das pessoas, e sua ausência pode culminar, somada a outros fatores como não acesso aos direitos sociais e vivência de violência em sofrimento psíquico, suicídio, uso abusivo de drogas e envolvimento em atos infracionais. (BAUMEISTER; LEARY, 1995; HATCHER; STUBBERSFIELD, 2013; O’BRIEN; BOWLES, 2014).

Hatcher e Stubbersfield (2013) em estudo de revisão sistemática da literatura, cujo objetivo foi compreender a relação entre pensamento suicida e sentimento de pertença, detectaram que um baixo sentimento de pertença desemboca em um aumento dos índices de pensamentos suicidas ou histórico de tentativas de suicídio das pessoas em geral. Os autores ressaltam, porém, que outras variáveis de risco estão relacionadas à problemática, compondo com a ausência do sentimento de pertença, tais como sobrecarga emocional, humor deprimido, situações de violência, dentre outras.

Especialmente, o sentimento de pertença na adolescência é considerado uma variável importante para a compreensão dessa população, pois nessa fase se iniciam com mais intensidade os processos de socialização fora do núcleo familiar, e a relação com os pares ganha maior destaque. Logo, esses indivíduos possuem maior desejo de se tornarem menos dependentes de seus pais, e os amigos, assim como a comunidade, se tornam fontes cada vez mais importantes de apoio e validação. (JUVENON, 2006).

A respeito do sentimento de pertença na adolescência foi localizado um estudo teórico que explora essa temática de forma articulada com a saúde mental desses indivíduos (O'BRIEN; BOWLES, 2014). Os autores discorrem que a pertença é um elemento fundamental para a construção da identidade das adolescências, permitindo a construção de autoestima, autoeficácia e a satisfação com a vida. Para além, discutem que embora a literatura tenha conhecimento da importância do sentimento de pertença, especialmente ao contexto escolar, para a saúde mental dos adolescentes, esta é uma relação ainda pouco explorada, e ainda há poucos estudos que se propõem a compreender as diferentes formas de favorecimento da pertença dos adolescentes aos diferentes espaços da sociedade. (O'BRIEN; BOWLES, 2014).

Pendergast e colaboradores (2018) desenvolveram um estudo de revisão sistemática, que teve como objetivo compreender, de maneira abrangente, os fatores relacionados ao sentimento de pertença de adolescentes à escola. Foram utilizados dados dos bancos de dados Griffith University, Education Resources Information Center - ERIC e do Google acadêmico, e selecionados estudos publicados entre os anos de 2007 e 2017. A revisão incluiu estudos quantitativos e qualitativos, revisados por pares, publicados em inglês, que focalizam a faixa etária da adolescência de 10 à 15 anos.

A partir do processo de seleção, foram localizados 21 estudos, e após análise desse material, os autores identificaram os seguintes fatores que influenciam na construção do sentimento de pertença à escola: clima escolar- caracterizado pela percepção subjetiva e ao mesmo tempo coletiva do ambiente escolar, incluindo tanto aspectos físicos, quanto sociais; Relações sociais com os pares e com a equipe escolar; Características pessoais- habilidades socioemocionais, autoimagem, motivação; Emoções positivas relacionadas ao desempenho acadêmico e percepção da autoeficácia nas atividades escolares; Transição de uma escola para outra, como no caso de mudança de uma escola de ensino fundamental para outra de ensino médio; Aspectos pessoais e contextuais, como cultura, história de vida, características familiares, fatores

socioeconômicos. (PENDERGAST, et al., 2018).

Apesar da revisão de Pendergast e colaboradores (2018) ter sido feita a respeito do sentimento de pertença adolescentes, esta não focalizou a temática da saúde mental, e portanto, ainda não foram encontradas revisões que se propõem a realizar tal interface. Além disso, outros 3 estudos teóricos exploraram qualitativamente o conceito do “sentimento de pertença” de crianças e adolescentes ao contexto escolar e reúnem trabalhos publicados em revistas, livros e também literatura cinza¹. (JUVONEN, 2006; OSTERMAN, 2000; PRINCE; HADWIN, 2013).

Estes apresentam a compreensão de que o sentimento de pertença à escola aumenta a percepção do suporte social, favorece a motivação e o engajamento acadêmico e a construção da identidade da população infantojuvenil. (JUVONEN, 2006; OSTERMAN, 2000; PRINCE; HADWIN, 2013). Juvonen (2006) realça, todavia, que as relações sociais por si só nem sempre fomentam o aumento da motivação e o engajamento acadêmico, pois estes são elementos que também dependem de outros fatores. Por outro lado, os estudos evidenciam que na medida em que a população infantojuvenil se percebe excluída da escola, não conseguindo estabelecer laços de confiança e proximidade com as pessoas e um sentimento de pertença, podem experimentar problemas de diferentes ordens como *bullying*, violência e abandono escolar. (JUVONEN, 2006; OSTERMAN, 2000; PRINCE; HADWIN, 2013).

Osterman (2000) sinaliza que apesar da importância do sentimento de pertença à escola para a população infantojuvenil, muitos desses indivíduos não se consideram parte da comunidade estudantil da qual fazem parte, e encontram poucas oportunidades e espaços estruturados no cotidiano da instituição para interagir com os colegas e com a equipe escolar e criar laços de apoio. O autor descreve o conceito de “senso de comunidade” de forma vinculada ao conceito de “sentimento de pertença”, e segundo ele uma comunidade existe quando seus membros experimentam relações de proximidade e sentem que fazem parte do coletivo. Portanto, o senso de comunidade é desenvolvido quando é possível se sentir importante para um grupo e desenvolvem um senso de conexão compartilhado e a segurança de que nesse espaço de pertença terão suas necessidades atendidas por meio do compromisso mútuo de estarem juntas. (OSTERMAN, 2000).

¹ A literatura cinza é caracterizada por um conjunto de documentos científicos ou técnicos, tais como: teses e trabalhos de todos os níveis de educação superior, informes técnicos ou institucionais e publicações periódicas locais ou de pobre ou nula distribuição, os quais não tem sido arbitrado na forma habitual, ou seja, publicados em canais habituais de transmissão científica, não sendo encontrados facilmente (INCI, 2020).

Nessa direção, a escola possui o importante papel de proporcionar aos alunos esse senso de comunidade, planejando atividades compartilhadas que todos possam participar e contribuir. Porém, ao contrário disso, é possível notar pouca atenção formal das instituições a respeito das necessidades afetivas das crianças e adolescentes, além de práticas de ensino que fomentam o individualismo e a competição, ao invés da comunidade e colaboração (OSTERMAN, 2000). Juvonen (2006) argumenta que as atividades compartilhadas e vivenciadas em comunidade podem produzir um “clima social de pertencimento”, o qual é caracterizado pela percepção individual e concomitantemente coletiva das oportunidades de pertencer e participar dos diferentes coletivos. O autor indica que programas de intervenção projetados para melhorar o clima social de pertencimento das escolas podem oferecer suporte adicional para o favorecimento da pertença dos alunos a esse contexto, visto que possibilitam uma cultura escolar que facilita as relações de proximidade entre os próprios alunos e destes com seus professores e demais membros da escola.

Outro estudo, Prince e Hadwin (2013), discorre sobre a temática do sentimento de pertença de forma correlacionada à discussão da inclusão social de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. Conforme os autores, a inclusão associa-se à satisfação da necessidade de pertencimento dessa população à escola. De maneira oposta, os autores apresentam evidências de que a separação desses indivíduos em salas especiais contribui com a alienação social, resultando em processos ainda mais severos de exclusão, e conseqüentemente em menor engajamento acadêmico, e prováveis conseqüências relacionadas à saúde mental.

É fundamental destacar que o pertencimento escolar é uma temática de grande relevância para a atual realidade brasileira, pois uma série de direitos previstos pelo ECA, como direito à participação social e ao exercício de cidadania (dentre outros) de crianças e adolescentes, estão sendo cotidianamente ameaçados, por meio de propostas do governo federal para a educação, como por exemplo, a nova Política de Educação Especial (PNEE), que incentiva a segregação de estudantes com deficiência em salas especiais de ensino, decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020 (BRASIL, 2020a); o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, Decreto 10.004, de 2019, desenvolvido pelo Ministério da Educação, com apoio do Ministério da Defesa e das Forças Armadas (BRASIL, 2019), que na prática representa a não participação de crianças e adolescentes em seus processos de ensino-aprendizado; e tentativas de implementação do “*homescholling*”, divulgadas pela mídia, que se caracteriza pela educação da população infantojuvenil no contexto

domiciliar. Observa-se que todas essas estratégias resultam no isolamento de crianças e adolescentes e na não possibilidade de construção do sentimento de pertença à escola, que é o principal contexto de circulação desses indivíduos, ameaçando de forma deliberada a educação e a saúde mental da população infantojuvenil.

Diante do exposto, nota-se que a literatura internacional dispõe de referenciais teóricos consolidados sobre sentimento de pertença, nada obstante, ainda assim não foi encontrada nenhuma revisão sistemática dos estudos que focalizam o sentimento de pertença especificamente na adolescência na interface com a saúde mental. Além de que os estudos internacionais enfocam o contexto escolar. Considera-se, então, que uma maior compreensão da relação entre sentimento de pertença de adolescentes com a saúde mental desses indivíduos pode trazer contribuições importantes em termos de novas perspectivas de cuidado e de promoção da saúde mental dessa população no contexto nacional. Dessa maneira, o presente estudo tem a pretensão de avançar na compreensão dessa temática, e contribuir com o embasamento teórico para o desenvolvimento de estratégias práticas e políticas que visem a construção e fortalecimento do sentimento de pertença dessa população em seus diversos contextos de vida.

2. OBJETIVO

Mapear e analisar a literatura científica sobre a temática do sentimento de pertença de adolescentes na sua interface com a saúde mental.

2.1) Objetivos específicos:

- a) Identificar e analisar as definições e as fundamentações teóricas sobre sentimento de pertença, utilizadas nos estudos encontrados;
- b) Identificar e analisar de que maneira os estudos relacionam a saúde mental de adolescentes ao sentimento de pertença desses indivíduos nos diferentes grupos e contextos;
- c) Identificar os diferentes contextos de vida focalizados nos estudos que investigam a interface entre o sentimento de pertença de adolescentes e saúde mental.

3. METODOLOGIA:

Esta seção será subdividida em duas partes: na primeira, apresenta-se o que é uma Revisão de Escopo, segundo referencial teórico-metodológico adotado, bem como as potencialidades e limites dessa abordagem metodológica; na segunda, apresentam-se os procedimentos aplicados no presente estudo.

3.1) A Revisão de Escopo:

Para atender aos objetivos deste estudo foi realizada uma Revisão de Escopo, que consiste em um tipo de revisão de literatura, caracterizada por examinar a extensão, alcance e natureza do conhecimento científico a respeito de um determinado tema de pesquisa. Ao contrário dos outros tipos de revisão, que possuem maior tendência de abordar questões relativamente precisas, as revisões de escopo possuem perguntas de pesquisa mais amplas, e podem ser compostas por estudos com diferentes desenhos metodológicos. (ARKSEY; O'MALLEY, 2005).

Nessa abordagem metodológica, os revisores possuem o papel de ilustrar a literatura a respeito do campo de interesse, em termos de volume, natureza e principais características dos estudos. Nessa perspectiva, a revisão de escopo pode ser útil para identificar os tipos de evidência disponíveis, identificar e analisar lacunas do conhecimento, resumir e divulgar resultados de pesquisa, que podem informar na formulação de políticas e no uso das informações na prática profissional, esclarecer os principais conceitos/definições da literatura de interesse, e examinar como a pesquisa é conduzida em um determinado tópico ou campo. (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). A revisão de escopo também objetiva identificar aquilo que não vem sendo abordado, os chamados “gaps” da literatura, o que obviamente poderá orientar o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Por se tratar de um tipo de estudo que busca identificar o escopo da literatura, não preconiza a avaliação do material encontrado. Portanto, as revisões de escopo podem servir como exercício preliminar para a realização de uma revisão sistemática, pois são úteis para examinar as evidências emergentes, e indicar futuras questões de pesquisa mais específicas sobre um determinado tema, as quais poderiam ser respondidas por uma revisão sistemática completa, que pressupõe avaliação de qualidade da evidência científica, assim como por estudos com diferentes recortes metodológicos. (PETERS, et. al., 2020).

Arksey e O'Malley (2005) propuseram a primeira estrutura para a realização de uma revisão de escopo, que conta com 5 estágios a serem seguidos e um estágio adicional, que propõe um exercício de consulta, que permite aos revisores inserirem fontes adicionais de informação na revisão, para além daquelas encontradas nas bases de dados. Destaca-se que a proposta de Arksey e O'Malley (2005) foi posteriormente aprimorada por Levac, Colquhoun e O' Brien (2010), que fornecem detalhes mais explícitos sobre cada estágio do processo de pesquisa dessa natureza.

Ambos referenciais têm sustentado a abordagem do Instituto Joanna Briggs- JBI para revisões de escopo (PETERS, et. al., 2020), que é utilizada como referencial teórico-metodológico desta revisão. Pontua-se que o JBI é uma organização composta por pesquisadores interessados na temática da “prática baseada em evidência”, e que fornece uma série de protocolos a serem utilizados para o desenvolvimento de diferentes tipos de revisão de literatura, dentre elas a de escopo, com a finalidade de aumentar o rigor científico revisões, e orientar os pesquisadores no desenvolvimento de suas pesquisas. (PETERS, et. al., 2020).

3.2) Procedimentos:

Para este estudo foram adotados os seguintes passos propostos pelo JBI para revisões de escopo: definição do título e da questão de pesquisa, definição dos critérios de inclusão e exclusão, definição da estratégia de pesquisa, seleção dos estudos/fontes de evidência, exercício de consulta, extração dos dados, análise e apresentação dos resultados, descrição das conclusões e recomendações de pesquisas futuras (PETERS, et. al., 2020), descritos detalhadamente a seguir.

3.2.1) Definição do título e da questão de pesquisa

A abordagem JBI sugere a definição do título e da questão de pesquisa, a partir do mnemônico “PCC”, que significa P- população, C - conceito e C – Contexto. (PETERS, et. al., 2020). Nesta pesquisa entende-se como População: adolescentes; Conceito: sentimento de pertença; Contexto: campo da saúde mental.

Nessa direção, o título desta dissertação é composto por esses três elementos, assim como a questão de pesquisa que orientou o desenvolvimento da presente revisão de escopo, ou seja: como

a relação entre o sentimento de pertença e a saúde mental de adolescentes tem sido abordada na literatura científica?

3.2.2) Definição dos critérios de inclusão e exclusão

Considerando que os critérios de inclusão e exclusão devem ser claramente definidos e descritos para que o leitor entenda claramente o que é proposto no estudo de revisão de escopo, e considerando, ainda, a existência de uma congruência clara entre o objetivo, a questão de pesquisa e os critérios definidos, (PETERS, et. al., 2020), para esta revisão de escopo foram adotados os seguintes critérios de inclusão:

- Artigos empíricos qualitativos e quantitativos;
- Estudos publicados em português, inglês ou espanhol;
- Estudos sobre adolescentes ou que registrem dados sobre essa população, e nessa direção foi considerado adolescente os indivíduos com idade entre 10 e 19 anos, de acordo com o que é indicado pela Organização Mundial da Saúde no que se refere à adolescência. (OMS, 2014). Vale evidenciar que estudos que focalizam a adolescência, mas que também foram feitos com outras populações também foram considerados elegíveis;
- Estudos que tiveram como objetivo tratar da temática do sentimento de pertença de adolescentes, e que em algum momento do trabalho científico fizeram a articulação com a temática da saúde mental, sejam nos objetivos e/ou na justificativa do estudo e/ou na metodologia e/ou nos resultados e/ou na discussão. Destaca-se que os estudos que discorrem sobre os elementos que perpassam o campo da saúde mental foram considerados elegíveis, tais como: bem-estar, resiliência, ideação suicida, satisfação com a vida, algum transtorno mental (como por exemplo depressão), sintomas depressivos, autoestima e uso prejudicial de álcool e outras drogas.

Aponta-se ainda, os critérios de exclusão utilizados:

- Publicações duplicadas;

- Estudos que apesar de tratarem da temática do sentimento de pertença de adolescentes, não fizeram nenhum tipo de articulação com a saúde mental desses indivíduos, restringindo a discussão do sentimento de pertença como um potencializador do desempenho acadêmico;
- Publicações que focalizam outras fases da vida (infância, adultos ou idosos);
- Cartas aos editores, pontos de vista e literatura cinza, uma vez que o presente estudo focalizou a literatura acadêmica revisada por pares;
- Estudos teóricos e revisões de literatura.

3.2.3) Definição da estratégia de pesquisa

A abordagem JBI indica que a estratégia de pesquisa para uma Revisão de Escopo deve idealmente ser o mais abrangente possível, dentro das limitações de tempo e recursos e que quaisquer limitações em termos de amplitude e abrangência devem ser detalhadas e justificadas. (PETERS, et. al., 2020).

No que concerne ao processo de elaboração/definição da estratégia de busca desta revisão, em março de 2019 foi realizado um treinamento em grupo na Biblioteca Comunitária (BCO) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para capacitação do uso das ferramentas de busca nas plataformas de acesso à informação científica. Durante o treinamento, foram apresentadas as bases de dados que poderiam ser utilizadas no presente estudo, assim como foi demonstrada a operacionalização das buscas em diferentes bases.

A partir desse treinamento inicial a pesquisadora realizou um processo de “busca teste” em diversas plataformas e com diferentes variações de descritores/termos-chave relacionados ao tema da revisão. Assim, foi possível elencar os termos-chave e as bases de dados mais estratégicos para a localização dos estudos que atendessem aos objetivos deste estudo. Durante esse processo a pesquisadora recebeu treinamento/orientação individual na Biblioteca Comunitária (BCO) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Foram elencadas quatro plataformas de busca: *Web of Science*, *Scopus*, *Scielo* e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), sendo que *Web of Science* e a *Scopus* foram escolhidas por conta da abrangência, por serem compostas por publicações que abarcam a produção mundial de pesquisa

e pelo caráter multidisciplinar. Sobre a Scielo e a BVS, ambas foram selecionadas por abarcarem estudos nacionais e da América Latina.

Em todas as plataformas de busca foram utilizados termos chave em português, inglês e em espanhol, e foram levados em consideração os possíveis plurais e variantes linguísticas de cada termo. Nessa direção, os termos chave utilizados em inglês foram: “*sense of belong**²”, “*adolesc**”, “*teenage**”, “*youth**”, “*mental health*” e “*well-being*”; em português: "sentimento de pertença", "sentido de pertença", "senso de pertença", "sentimento de pertencimento", "sentido de pertencimento", "senso de pertencimento", “*adolesc**”, “*jovem*”, “*jovens OR juventude*), “saúde mental” e “bem-estar”; em espanhol: “*sentimiento de pertinência*”, “*sentido de pertinência*”, *adolesc**, *joven**, “*salud mental*” e “*bienestar*”.

Os termos-chave “*mental health*”, “saúde mental”, “*salud mental*”, “*well-being*”, “bem-estar” e “*bienestar*” foram utilizados para selecionar os estudos que fizessem o recorte do sentimento de pertença de adolescentes na interface com a saúde mental. Especificamente, o termo “*well-being*”, e suas traduções para o português e espanhol, foi identificado a partir do processo de busca teste como um termo potencial para localizar os estudos que falassem de saúde mental, pois a partir de uma leitura prévia dos artigos resultantes das buscas testes verificou-se que na literatura internacional o termo “*well-being*” é comumente utilizado para referir-se à saúde mental. Ademais, a OMS define a saúde mental com um estado completo de bem-estar (OMS, 2001).

O termo “juventude” foi utilizado para localizar estudos que tratassem da fase da adolescência, uma vez que o termo “jovem” também é utilizado para se referir aos adolescentes (ABRAMO, 2005; LÉON, 2005; MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011). Contudo, este estudo focalizou apenas a adolescência, segundo as demarcações da OMS, 10 a 19 anos (OMS, 2014), e não a juventude como um todo.

O processo de busca dos estudos teve início em julho de 2020, com buscas testes e análise das possibilidades de palavras-chave, e a busca final se efetivou em dezembro de 2020, a partir da utilização das bases de dados e dos termos-chave definidos (ambos mencionados anteriormente). Nas bases de dados foram utilizados filtros de idioma para selecionar apenas os estudos em

² Os termos chave que possuíam variantes linguísticas e possibilidades de formar plural foram utilizados nas bases de dados com a estrutura “radical da palavra + asterisco”, pois as bases de dados utilizadas orientam a realização da busca dessa maneira. Tal estrutura é uma estratégia que facilita o processo de busca, uma vez que identifica todas as variantes linguísticas possíveis e os plurais de cada palavra. Por exemplo, o asterisco na palavra “*adolesc**” equivale a uma busca com as palavras “*adolescence*”, “*adolescent*” e “*adolescents*” nas bases de dados.

português, inglês e espanhol. Ainda, todos os estudos recuperados nas bases de dados tiveram seu acesso disponível à pesquisadora a partir do “Acesso Café” da Universidade Federal de São Carlos, que consiste na compra, por parte da universidade, de materiais científicos que não possuem acesso aberto.

Por fim, reforça-se que não foi considerada a literatura cinza, na medida em que foram priorizados estudos avaliados por pares.

3.2.4) Seleção dos estudos/fontes de evidência

A seleção da amostra foi realizada em duas fases. Na fase 1, foram analisados os títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos identificados nas bases de dados, e aqueles que não falassem sobre adolescência e sobre sentimento de pertença foram excluídos. Nessa fase também foram excluídos os estudos duplicados. Na fase 2, os estudos foram analisados partir da leitura dos textos na íntegra e aplicados os critérios de inclusão e exclusão (mencionados anteriormente).

Pontua-se que o processo de seleção dos estudos foi realizado por duas pesquisadoras de maneira independente, e nos casos de dúvida sobre a permanência de algum estudo foi consultado um terceiro pesquisador. Além disso foram seguidas as diretrizes do PRISMA (*Preferred reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) (MOHER, et al., 2009) para sistematizar o processo de inclusão dos estudos que compõem a presente revisão. O Diagrama do fluxo desse processo será apresentado na Figura 1 (na seção resultados).

3.2.5) Consulta

Conforme sugerido pela abordagem JBI foi realizada a etapa de consulta, que consiste em uma busca de fontes adicionais de dados. Para o presente estudo, optou-se por consultar as listas de referência dos trabalhos selecionados a partir da busca nas bases de dados. Assim sendo, foram analisados todos os títulos dos trabalhos que estavam nessas listas de referências, e aqueles que possuíam a palavra “*sense of belonging*” (em qualquer idioma, ou variante linguística) foram

selecionados, lidos na íntegra e aplicados os critérios de inclusão e exclusão. Ao final desse processo, foram incluídas 9 fontes adicionais à amostra.

Levac, Colquhoun e O' Brien (2010) apontam que a etapa de consulta possui importante papel na Revisão de Escopo, pois contribui com a amplitude do estudo, selecionando trabalhos que não foram identificados a partir da busca convencional nas bases de dados.

3.2.6) Extração dos dados

Os estudos selecionados para compor amostra desta revisão (tanto aqueles selecionados a partir da busca nas bases de dados, quanto na consulta) foram lidos, e os dados extraídos a partir de um formulário de mapeamento, em uma planilha do Excel, que continha as seguintes variáveis: título, autores, ano de publicação, país, área do periódico, objetivo, local do estudo, metodologia, tipo de estudo, participantes (quantidade e idade), tipo de análise dos dados, resultados, referencial teórico utilizado e principais apontamentos dos autores.

3.2.7) Análise e apresentação dos resultados

A abordagem JBI sinaliza que existem inúmeras possibilidades dos dados serem analisados em uma Revisão de Escopo, a depender do propósito da revisão e do próprio julgamento dos autores. A consideração mais importante a respeito da análise é que esta deve ser realizada por métodos transparentes e de forma justificada (PETERS, et al., 2020). Outra consideração importante é que podem ser realizadas análises mais aprofundadas, como análise de conteúdo qualitativa descritiva, fornecendo um resumo dos dados codificados, porém, em revisões de escopo, a análise acontece geralmente de forma descritiva, pois a avaliação das evidências se encaixaria mais apropriadamente nos objetivos de uma revisão sistemática. (PETERS, et al., 2020). Considerando essas recomendações, nesta fase foi realizada a descrição e a análise das evidências encontradas, a partir do agrupamento, resumo e relato dos resultados.

Os seguintes dados: ano de publicação, distribuição dos estudos segundo localização geopolítica, área do periódico, metodologias utilizadas, locais de realização dos estudos e

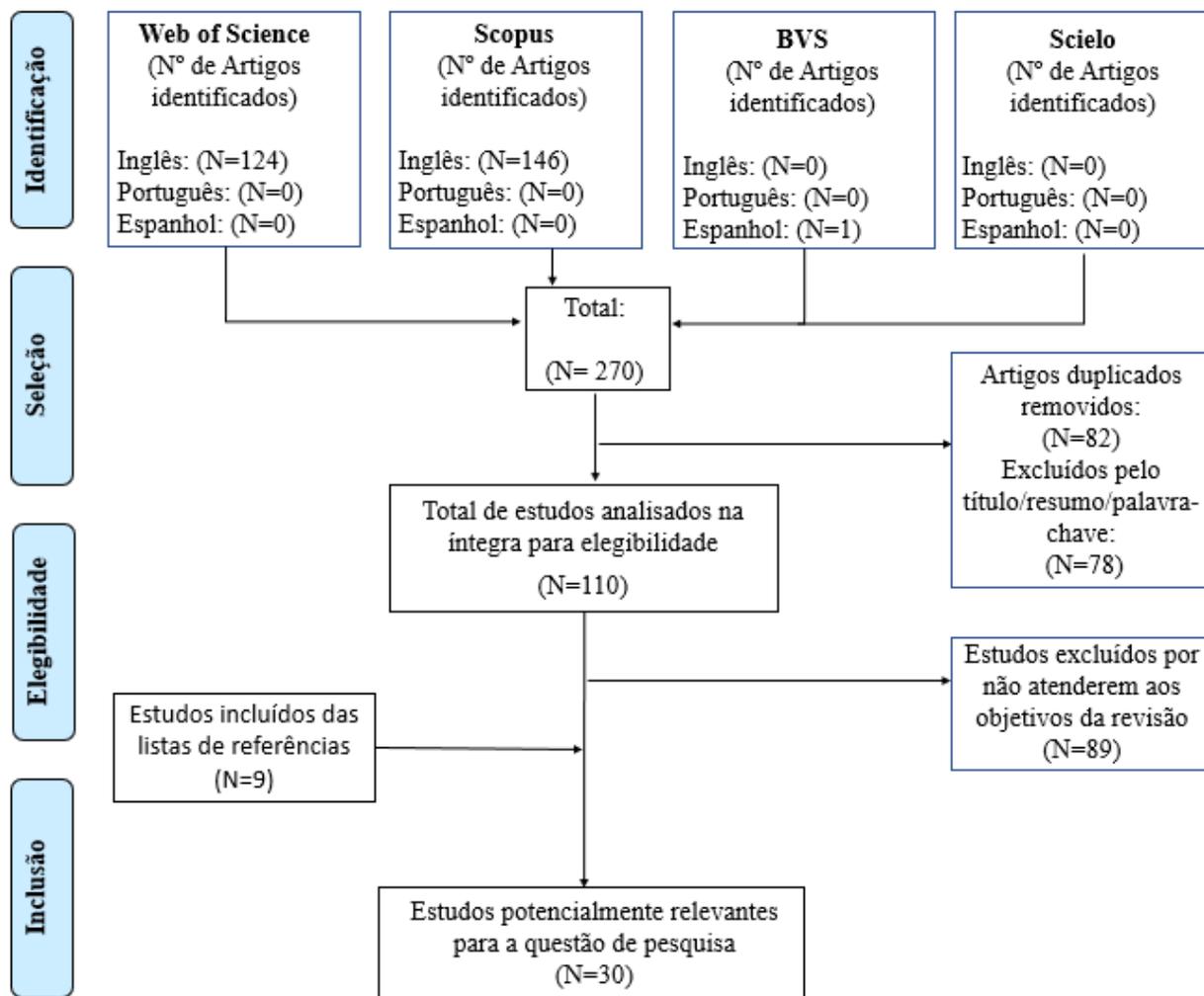
participantes, foram analisados quantitativamente a partir de gráficos e tabelas. Os dados qualitativos, advindos da leitura aprofundada dos estudos, foram analisados por meio da Análise Temática, a qual consiste em uma das técnicas preconizadas no método de Análise de Conteúdo de Bardin (BARDIN, 2011). Segundo a autora, a Análise de Conteúdo consiste em uma técnica, ou um conjunto de técnicas, que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos, com a finalidade de analisar e interpretar materiais/dados diversos e as formas de comunicação, seja qual for sua natureza (BARDIN, 2011).

No que tange, especificamente, à Análise Temática, a autora indica que esta permite reunir temas que se repetem, cuja frequência da aparição sinaliza possíveis significados libertos de um material, de acordo com o nível de análise que se pretende obter sob o material/dados encontrados, permitindo a descoberta de núcleos de sentido (BARDIN, 2011). Nessa direção, a análise temática realizada neste estudo seguiu as três etapas fundamentais do método: 1) Pré-análise: primeiro contato com os dados a serem submetidos à análise, elaboração dos indicadores que orientaram o processo de interpretação dos mesmos; 2) Exploração do material: momento em que foram escolhidas as unidades de codificação; 3) Classificação e categorização dos núcleos de sentido, conforme os objetivos dos estudos que compõem a amostra. (BARDIN, 2011).

4. RESULTADOS:

A seguir na Figura 1 apresenta-se o diagrama de busca e seleção dos estudos que compõem a revisão de escopo:

FIGURA 1 – DIAGRAMA DE BUSCA E SELEÇÃO DOS ESTUDOS



Fonte: Elaborado pela autora (adaptado de MOHER, et al., 2009).

Na Fase 1 de seleção foram eliminados 160 estudos, 82 por estarem duplicados nas bases de dados, e 78 por logo nos títulos, resumos e palavras-chave não abordarem a temática do sentimento de pertença de adolescentes. Na Fase 2 de seleção foram excluídos 89 estudos, por não atenderem aos critérios de inclusão.

A seguir, no Quadro 1, apresentam-se os 30 estudos considerados elegíveis para compor a amostra, no que se refere aos títulos, autores/ano, periódico e país. Posteriormente, será realizada a análise quantitativa e a qualitativa dos mesmos.

QUADRO 1- APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS QUE COMPÕEM A REVISÃO

Título do estudo	Autor/ano	Periódico	País/idioma
The impact of caring and connectedness on adolescent health and well-being	RESNICK; HARRIS, BLUM, 1993	Journal Pediatric Child Health	EUA/inglês
The effects of friendship networks on adolescent depressive symptoms	UENO, 2005	Social Science Research	EUA/ inglês
The Role of Friendship in Adolescents' Sense of School Belonging	HAMM; FAIRCLOTH, 2005	New Directions for Child and Adolescent Development	EUA/ inglês
Sense of Community, Civic Engagement and Social Well-being in Italian Adolescents	ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007	Wiley InterScience	Itália/ inglês
Autonomy, Belongingness, and Engagement in School as Contributors to Adolescent Psychological Well-Being	RYZIN; GRAVELY; ROSETH, 2007	Journal Youth Adolescence	EUA/ inglês
Promoting connectedness through whole-school approaches: a qualitative	ROWE, F.; STEWART, D. 2009	Health Education	Austrália/ inglês

study			
Belonging Among Newcomer Youths Intersecting Experiences of Inclusion and Exclusion	CAXAJ; BERMAN, 2010	Advances in Nursing Science	Canadá/ inglês
Suicidal Thought in the Adolescent: Exploring the Relationship Between Known Risk Factors and the Presence of Suicidal Thought	SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011	Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing	EUA/ inglês
Sense of Belonging and Depressive Symptoms Among GLB Adolescents	McCALLUM, C.; McLAREN, S. 2011	Journal of Homosexuality	Austrália/ inglês
Conceptions associated with sense of belonging in different school placements for Finnish pupils with special education needs	PESONEN, et al., 2015	European Journal of Special Needs Education	Finlândia/ inglês
Does Social Belonging to Primary Groups Protect Young People from the Effects of Pro-Suicide Sites?	MINKKINEN, et al., 2015	The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention	EUA/ inglês
Sense of Belonging in School as a Protective Factor	NAPOLI; MARSIGLIA; KULIS,	Journal of Social Work	EUA/ inglês

Against Drug Abuse Among Native American Urban Adolescents	2015	Practice in the Addictions	
The Relationships Between Sense of Belonging to a Community GLB Youth Group; School, Teacher, and Peer Connectedness; and Depressive Symptoms: Testing of a Path Model	McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015	Journal of Homosexuality	Austrália/ inglês
Adolescents' Perceptions of Family Belonging in Stepfamilies	KING; BOYD; THORSEN, 2015	Journal of Marriage and Family	EUA/ inglês
Childhood adversity, sense of belonging and psychosocial outcomes in emerging adulthood: A test of mediated pathways	CORRALES, et al., 2016	Children and Youth Services Review	Austrália/ inglês
Classroom sense of community scale: validation of a self-report measure for adolescents	PETRILLO; CAPONE; DONIZZETTI, 2016	Journal of community psychology	Itália/ inglês
Implementing a Mentally Healthy Schools Framework based on the population wide Act-Belong-Commit mental health promotion	ANWAR-McHENRY, et al., 2016	Health Education	Austrália/ inglês

campaign			
Initial Development and Validation of the School Belongingness Scale	ARSLAN; DURU, 2017	Child Ind Res	Turquia/ inglês
The influence of school sense of community on students' well-being: A multilevel analysis	PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2018	Journal of Community Psychol.	Itália/ inglês
The social complexities of disability: Discrimination, belonging and lifesatisfaction among Canadian youth	DALEY; PHIPPS; BRANSCOMBE, 2018	SSM - Population Health	Canadá/ inglês
Understanding Intersectionality and Resiliency among Transgender Adolescents: Exploring Pathways among Peer Victimization, School Belonging, and Drug Use	HATCHEL; MARX 2018	International Journal of Environment al Research and Public Health	EUA/ inglês
Reappraising academic and social adversity improves middle school students' academic achievement, behavior, and well-being	BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019	PNAS	EUA/ inglês
School belonging among	DIMITRELLOU; HURRY,	European	Inglaterra/

young adolescents with SEMH and MLD: the link with their social relations and school inclusivity	2019	Journal of Special Needs Education	inglês
The Experience of Belonging in Youth from Refugee Backgrounds: A Narrative Perspective	CHEN; SCHWEITZER, 2019	Journal of Child and Family Studies	Austrália/ inglês
Trajectories of Depressive Symptoms from Adolescence to Adulthood Among Multiple Latino Subgroups	ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019	Journal of Latinx Psychology	EUA/ inglês
Exposure to cyberbullying in WhatsApp classmates' groups and classroom climate as predictors of students' sense of belonging: A multi-level analysis of elementary, middle and high schools	KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020	Children and Youth Services Review	Israel/ inglês
Perceptions and Experiences of Belonging During the Transition from Primary to Secondary School	LONGARETTI, L. 2020	Australian Journal of Teacher Education	Austrália/ inglês

El efecto mediador del ajuste psicológico en la relación entre la victimización por acoso escolar y el sentido de pertenencia escolar	SANMARCO, et al., 2020	Publicaciones	Espanha/ espanhol
Bullying victimization, school belonging, academic engagement and achievement in adolescents in rural China: A serial mediation model	LI; CHEN; LI 2020	Children and Youth Services Review	China/ inglês
The Mediating Effect of School Climate on Adolescent Mental Health: Findings from a Randomized Controlled Trial of a School-Wide Intervention	SINGLA, et al., 2020	Journal of Adolescent Health	Índia/ inglês

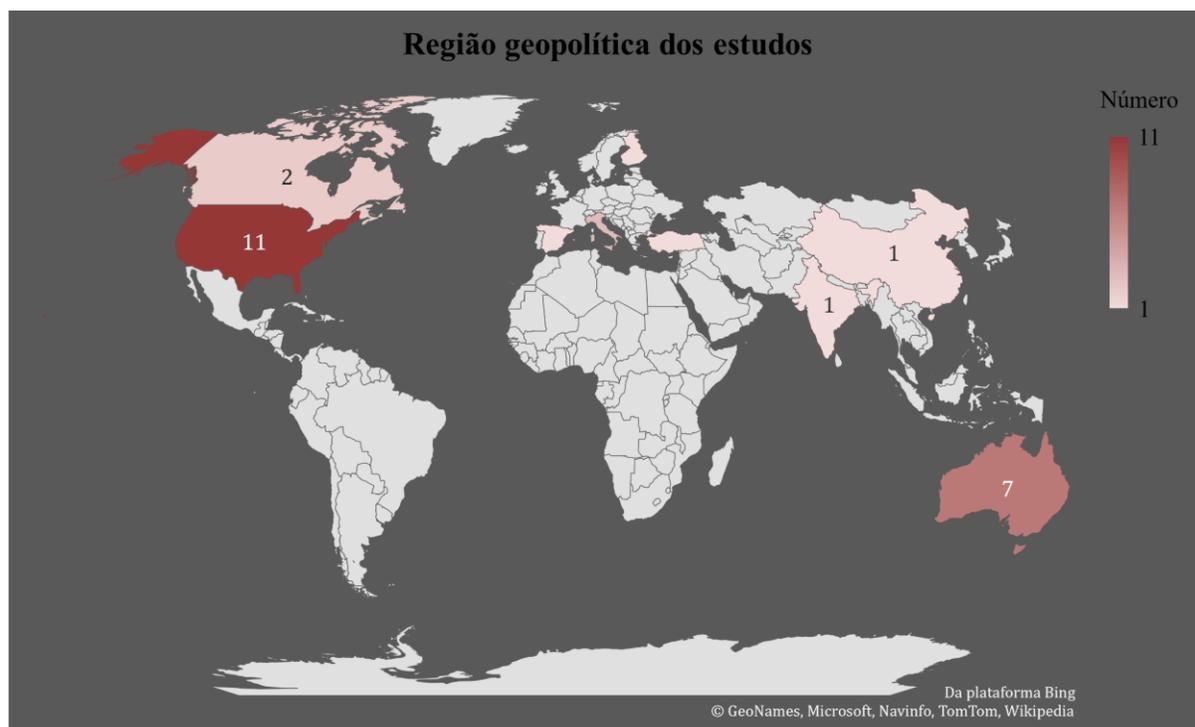
Fonte: Elaborado pela autora

No que tange ao ano de publicação dos estudos, observa-se a partir do Gráfico 1, abaixo, que a maioria dos estudos encontrados foram publicados nos últimos cinco anos, sendo que os anos de 2015 e 2020 tiveram destaque no número de produções. Um único estudo foi publicado na década de 1990.

GRÁFICO 1- ANO DE PUBLICAÇÃO

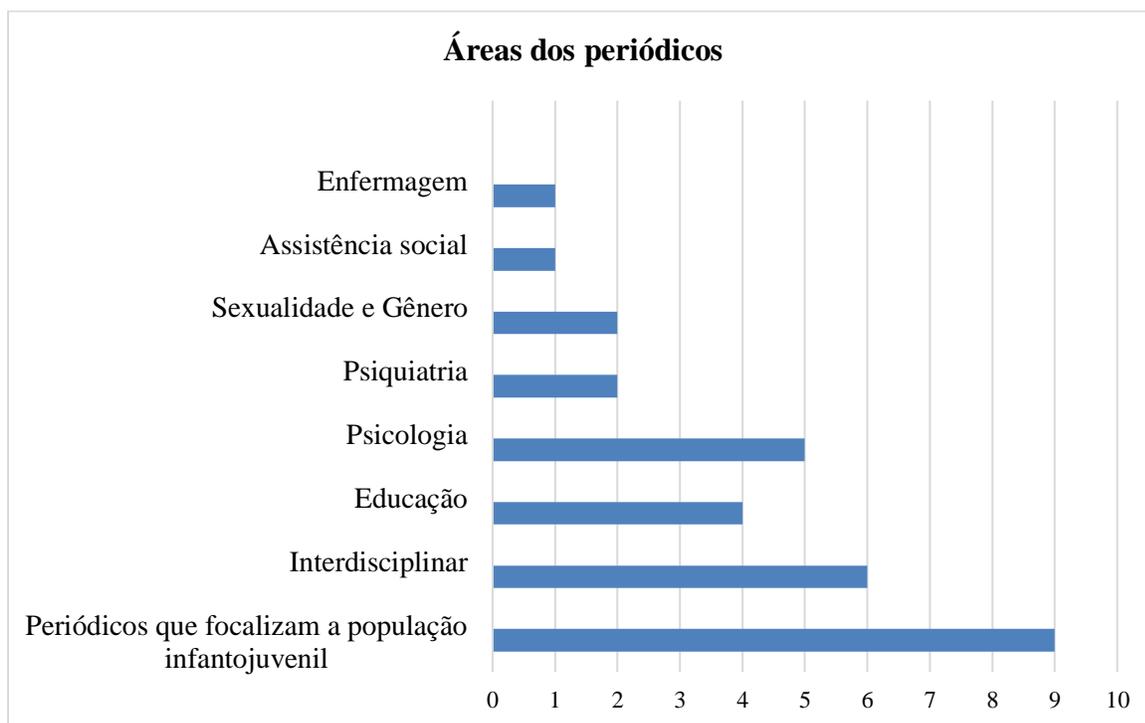
Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à distribuição geopolítica das produções, representada no Gráfico 2, os estudos estão concentrados nos países do hemisfério norte, mas também da Oceania. Destaca-se que os Estados Unidos é o país que mais apresentou pesquisas sobre a temática, totalizando 11 artigos, seguido da Austrália, 9 artigos. Pontua-se que por meio da estratégia de busca utilizada pelo presente estudo não foram encontradas produções brasileiras e da América Latina de forma geral.

GRÁFICO 2- DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS SEGUNDO LOCALIZAÇÃO GEOPOLÍTICA

Fonte: Elaborado pela autora

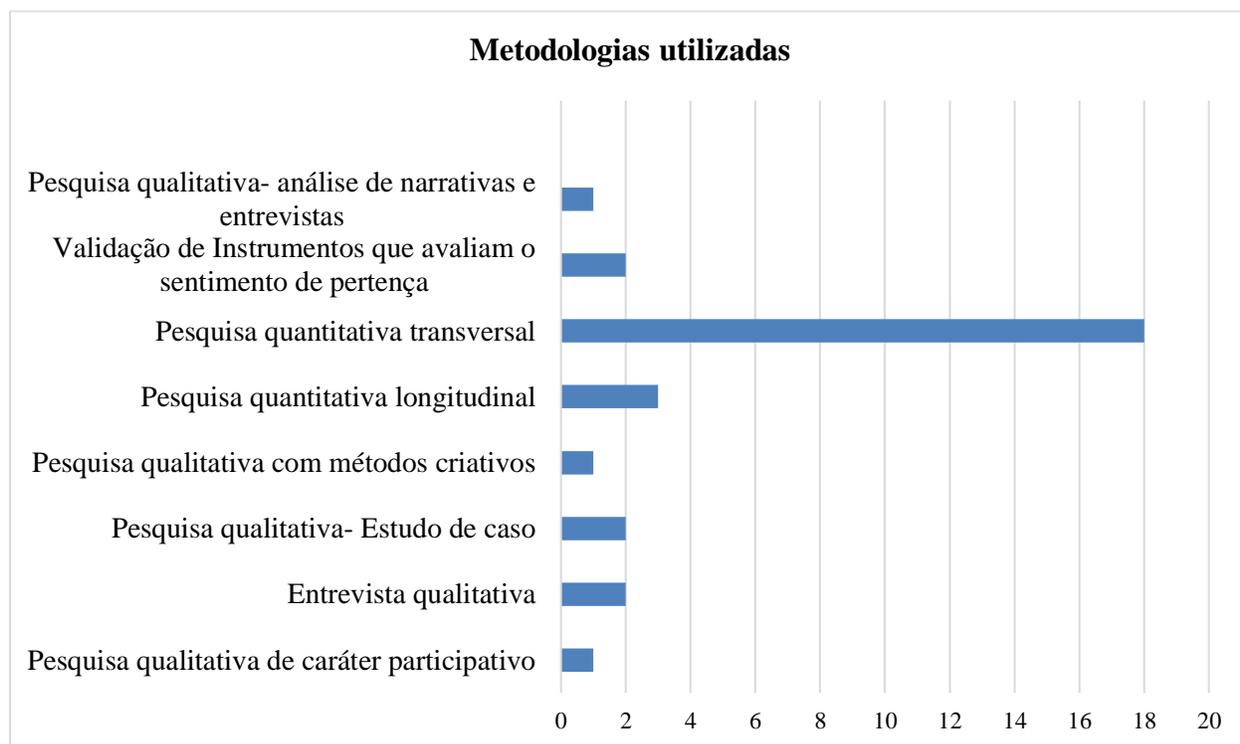
Sobre às áreas dos periódicos, observa-se no Gráfico 3, que os artigos encontrados foram publicados em periódicos de diferentes áreas do conhecimento, tais como educação, psicologia, psiquiatria, periódicos que focalizam o ciclo de vida da adolescência e que se ocupam de assuntos interdisciplinares.

GRÁFICO 3 - ÁREA DOS PERIÓDICOS

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre as metodologias utilizadas, conforme representado no Gráfico 4, 23 estudos adotaram a abordagem quantitativa. Apenas 7 estudos foram conduzidos a partir de metodologia qualitativa, sendo que somente um dentre estes se caracteriza como pesquisa participativa.

GRÁFICO 4 - METODOLOGIAS UTILIZADAS



Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, 21 estudos utilizaram alguma forma de avaliação do sentimento de pertença dos participantes, seja por meio de uma seleção de perguntas sobre a percepção do suporte social, conexão emocional com os pares e outros adultos e a percepção do próprio valor em um grupo, ou pelo uso de escalas padronizadas e validadas de avaliação. A seguir, no Quadro 2 apresentam-se os 9 estudos que utilizaram escalas padronizadas e validadas que avaliam o sentimento de pertença, e uma breve descrição de cada uma delas. Dentre estas escalas, 2 foram desenvolvidas e validadas pelos próprios autores, processo que será descrito posteriormente. (ARSLAN; DURU, 2017; PETRILLO; CAPONE; DONIZZETTI, 2016).

QUADRO 2 - ESCALAS DE AVALIAÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENÇA UTILIZADAS POR 9 ESTUDOS

Nome da escala de avaliação	Descrição	Autores que utilizaram/ano
Psychological Subscale of the Sense of Belonging	Escala likert de 4 pontos,	CORRALES, et al., 2016; McCALLUM; McLAREN,

<p>Instrument</p> <p><i>Hagerty e Patusky (1995).</i></p>	<p>composta por 18 itens, os quais avaliam o sentimento de pertença a um determinado ambiente ou comunidade. Pontuações mais altas indicam maiores níveis de sentimento de pertença.</p>	<p>2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015 SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011</p>
<p>Scale of Sense of Community in the School”-</p> <p><i>Prati et al., (2017b)</i></p>	<p>Escala likert de 5 pontos que avalia o senso de comunidade (sentimento de pertença à comunidade). Quanto maior a pontuação, maior o senso de comunidade.</p>	<p>PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2016</p>
<p>Sense of Community Scale for adolescents</p> <p><i>Cicognani et al. (2006)</i></p>	<p>Escala likert que avalia o senso de comunidade (sentimento de pertença à comunidade). Composta por 36 itens e 5 subescalas: Sentimento de pertença (9 itens), Apoio emocional e conexão na comunidade (6 itens), satisfação das necessidades e oportunidades para engajamento/envolvimento (7 itens), Suporte e conexão emocional com os pares (10 itens) e Oportunidades de</p>	<p>ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007</p>

	<p>influenciar as pessoas (4 itens). Quanto maior a pontuação, maiores os níveis de “senso de comunidade”</p>	
<p>Psychological Sense of School Membership (PSSM)</p> <p><i>Goodenow's (1993)</i></p>	<p>Escala likert de avaliação do sentimento de pertença de adolescentes ao contexto escolar. Observa-se que os autores utilizaram quatro itens dessa escala: 1) “A maioria dos meus colegas gosta do jeito que sou”, 2) “Na escola posso contar com algum professor se eu tiver algum problema”, 3) “A maioria dos professores da minha escola está preocupada comigo” e 4) “As pessoas da minha escola percebem quando não estou bem”.</p>	<p>LI; CHEN; LI, 2020</p>
<p>Classroom Sense of Community Scale (SoC-C)</p> <p><i>Petrillo, Capone e Donizzetti (2016)</i></p>	<p>Escala composta por 36 itens, desenvolvida e validada pelos próprios autores, que tem como objetivo avaliar o senso de comunidade de adolescentes ao contexto da sala de aula. Apesar dessa escala avaliar o “senso de comunidade” de adolescentes</p>	<p>PETRILLO; CAPONE; DONIZZETTI, 2016</p>

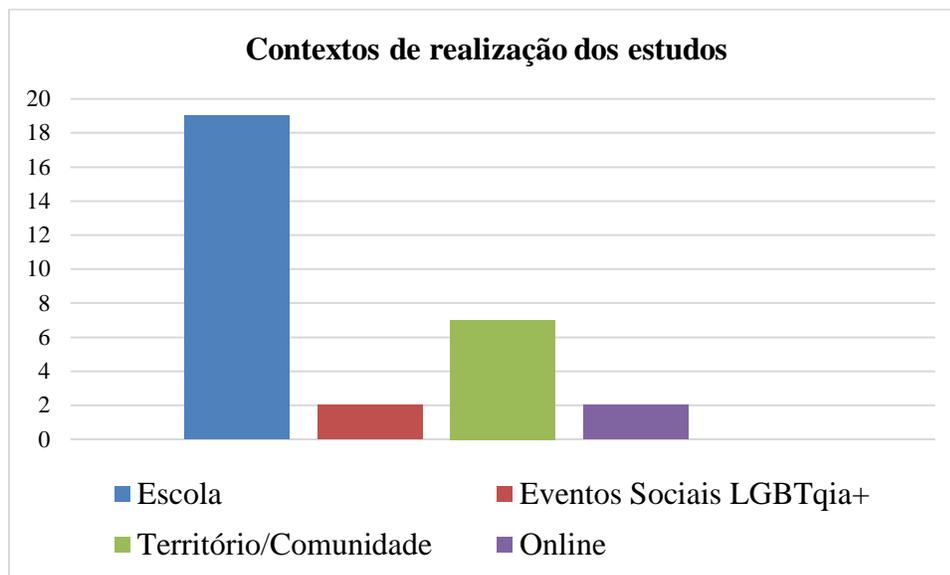
	também avalia o sentimento de pertença, e outros elementos relacionados a ele, tais como engajamento nas atividades em sala de aula, percepção do apoio social, conexão emocional com os colegas e a percepção do próprio valor em um grupo.	
School Belongingness Scale <i>Arslan e Duru (2017)</i>	Trata-se de uma escala desenvolvida e validada pelos autores, que tem por objetivo avaliar, por meio de 17 itens, as percepções dos adolescentes sobre as relações sociais as quais estão envolvidos, suas percepções sobre o próprio pertencimento, o quanto se sentem valorizados, incluídos, aceitos pelos colegas e professores. A escala também contém itens relacionados à saúde mental, como autoestima, satisfação com a vida e solidão.	ARSLAN; DURU, 2017

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria das pesquisas foi realizada em escolas e explorou o sentimento de pertença de adolescentes a esse contexto e o impacto do pertencimento escolar para a saúde mental/bem-estar dessa população, conforme sinalizado no gráfico 5. Apesar dos 19 estudos terem sido feitos

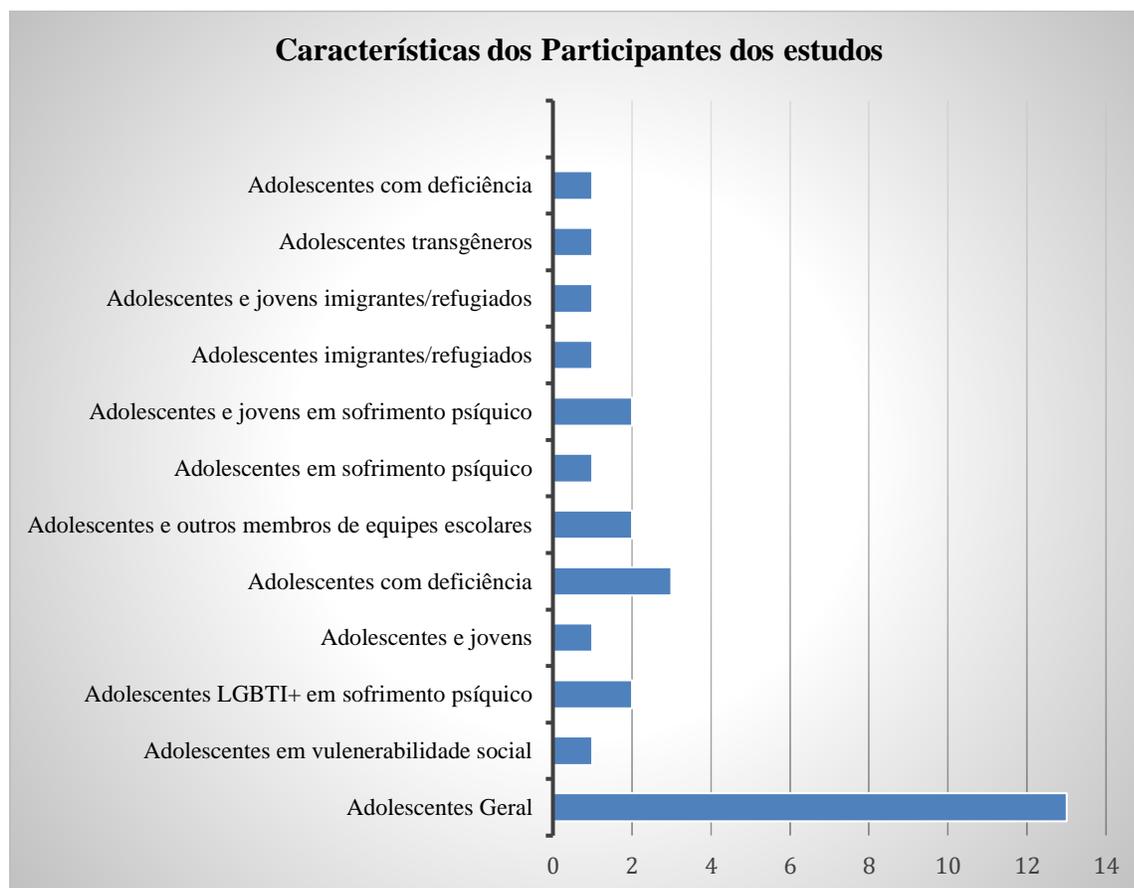
em escolas, 15 focalizaram a temática do sentimento de pertença a esse contexto, e os outros 3 utilizaram esse cenário apenas para coleta de dados.

GRÁFICO 5 - CONTEXTOS DE REALIZAÇÃO DOS ESTUDOS



Fonte: própria autora

Por fim, aponta-se que metade dos estudos foi realizada com alguma população específica de adolescentes, sejam àqueles com diferentes questões relacionadas à saúde mental, à deficiência e à vulnerabilidade social, e também com adolescentes LGBTI+ e imigrantes de diferentes regiões do mundo, conforme apresentado no Gráfico 6.

GRÁFICO 6 – CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES DOS ESTUDOS

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda sobre os participantes, 4 estudos envolveram jovens de até 30 anos, além de adolescentes (CAXAJ; BERMAN, 2010; CORRALES, et al., 2016; MINKKINEN, et al., 2015; ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019) e 2 abrangeram outros atores do contexto escolar, como professores, diretores, membros da comunidade além dos adolescentes (ANWAR-McHENRY, 2016; ROWE; STEWART, 2009).

Quanto aos dados analisados de forma qualitativa, em um primeiro momento, serão apresentados os principais referenciais teóricos de sentimento de pertença utilizados pelos estudos da amostra, posteriormente, as 5 categorias, que foram organizadas a partir da análise temática dos objetivos dos estudos. O Quadro 3 a seguir contém uma síntese das principais definições e apontamentos a respeito do sentimento de pertença utilizados pelos referenciais teóricos de sentimento de pertença adotados pelos estudos que compõem esta revisão.

QUADRO 3 - PRINCIPAIS REFERENCIAIS TEÓRICOS SOBRE SENTIMENTO DE PERTENÇA UTILIZADOS PELOS ESTUDOS

Referencial Teórico	Estudos que utilizaram
<p>A necessidade de pertencimento é considerada universal e essencial para a existência humana. Por conta disso, a ausência de sentimento de pertença resulta em dificuldades no âmbito da saúde mental.</p> <p><i>Baumeister e Leary (1995)</i></p>	<p>ARSLAN; DURU, 2017; LONGARETTI, 2019; DALEY; PHIPPS; RANSCOMBE, 2018; CORRALES, et al., 2016; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; UENO, 2005; PESONEN, et al., 2015; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; KING; BOYD; THORZEN, 2015</p>
<p>O pertencimento é uma das necessidades essenciais para a existência humana. Nessa perspectiva, somente é possível alcançar a autorrealização quando há a possibilidade de desenvolver sentimento de pertença aos diferentes contextos.</p> <p><i>Maslow (1962); Maslow (1968); Maslow (1943)</i></p>	<p>LONGARETTI, 2019; McCALLUM; McLAREN, 2011; PESONEN, et al., 2015; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; KING; BOYD; THORZEN, 2015</p>
<p>O pertencimento escolar é a principal forma de pertença da população infantojuvenil, e é caracterizado a partir da percepção subjetiva de ser valorizado e aceito nesse contexto. Durante a fase da adolescência a necessidade de pertencimento ganha maior destaque, e esses indivíduos estão mais suscetíveis a sofrer os efeitos positivos do pertencimento, assim como com os efeitos negativos da falta de pertencimento.</p>	<p>ARSLAN; DURU, 2017; LONGARETTI, 2019; ARSLAN; DURU, 2017 McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020; HAMM; FAIRCLOTH, 2005;</p>

<p><i>Goodenow (1993)</i></p>	
<p>O sentimento de pertença de adolescentes ao contexto escolar se desenvolve a partir da percepção que esses indivíduos possuem sobre o clima escolar, o qual, quando positivo, culmina em relações de confiança e apoio com colegas e professores. Quando esses indivíduos se sentem pertencentes a esse contexto, apresentam mais motivação para realização das atividades escolares e melhor desempenho acadêmico. Além disso, o sentimento de pertença possui “efeito tampão” (“buffering effect”) contra os fatores de risco da adolescência, tais como processos de violência e uso prejudicial de álcool e outras drogas.</p> <p><i>Osterman (2000)</i></p>	<p>ARSLAN; DURU, 2017 LONGARETTI, 2019; PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2018; PESONEN, et al., 2015; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; SANMARCO, et al., 2020; RYZIN; GRAVELY; ROSETH, 2007; HAMM; FAIRCLOTH, 2005</p>
<p>O sentimento de pertença dos adolescentes à sala de aula está relacionado com o clima social desse contexto, o qual é caracterizado pela percepção subjetiva e ao mesmo tempo coletiva que os diferentes atores desse cenário possuem das relações que acontecem nele. Um clima social positivo, construído a partir de relações democráticas e respeitadas, por exemplo, relaciona-se com a possibilidade dos adolescentes se sentirem pertencentes ao contexto da sala de aula, e logo seguros, respeitados e valorizados.</p>	<p>KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020</p>

<p><i>Erikson (1963)</i></p>	
<p>O sentimento de pertença é um elemento fundamental para o processo de adaptação de adolescentes de origem imigrante em um novo país. Nessa direção, a impossibilidade desses indivíduos construir sentimento de pertença pelo país receptor apresenta-se como um fator de risco para o desenvolvimento desses indivíduos em vários âmbitos.</p> <p><i>Correa-Velez et al. (2010); Edge et al. (2014); McGregor et al. (2015); Liamputtong e Kurban (2018)</i></p>	<p>CHEN; SCHWEITZER, 2019</p>
<p>A ausência de sentimento de pertença pode associar-se com uma série de consequências negativas para os adolescentes, incluindo comportamento agressivo ou violento, dificuldade na regulação do afeto e processamento cognitivo, diminuição da capacidade de resposta empática e retraimento social.</p> <p><i>Tice e Twenge (2007)</i></p>	<p>CORRALES, et al., 2016</p>
<p>O sentimento de pertença é definido como uma experiência de engajamento pessoal e social, vivenciada dentro de um sistema ou ambiente em que a pessoa se percebe importante/valorizada/aceita pelas pessoas ao seu redor.</p>	<p>McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; McCALLUM; McLAREN, 2011; PESONEN, et al, 2015; CAXAJ; BERMAN, 2010;</p>

<p><i>Hagerty et al. (1992)</i></p>	
<p>Os comportamentos das pessoas são orientados pela necessidade de se sentir pertencente a um contexto social significativo. Além disso, o sentimento de pertença favorece os processos de participação social e o engajamento civil.</p> <p><i>Berkman, et al. (2000)</i></p>	<p>ALBANESI.; CICOGNANI; ZANI, 2007</p>
<p>O sentimento de pertença derivado da vivência em comunidade, tanto no que se refere ao contexto familiar quanto às amizades. Quando permite a construção de raízes profundas ao espaço de pertencimento, é essencial para o desenvolvimento das pessoas.</p> <p><i>Cacioppo e Cacioppo (2014)</i></p>	<p>ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019;</p>
<p>O sentimento de pertença à escola é definido como a possibilidade de um indivíduo sentir que faz parte da comunidade escolar, e possui “efeito tampão” (protetor) contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas.</p> <p><i>Hagborg (1998)</i></p>	<p>NAPOLI; MARSIGLIA; KULIS, 2015</p>
<p>O desenvolvimento do sentimento de pertença de adolescentes ao contexto escolar é favorecido pela relação de proximidade/afeto desses indivíduos com seus professores e grupos de mesma idade.</p>	<p>PESONEN, et al, 2015</p>

<i>Juvonen (2006)</i>	
O sentimento de pertença à família protege a população infantojuvenil contra uma gama de resultados negativos, como início sexual precoce, comportamentos acadêmicos negativos e uso prejudicial de álcool e outras drogas	KING; BOYD; THORZEN, 2015
<i>Cavanagh (2008); Crosnoe e Elder (2004) e Resnick, et al. (1997)</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que boa parte dos estudos utiliza um referencial teórico específico de sentimento de pertença, enquanto outros o conceituam de acordo com o contexto de investigação, como por exemplo os estudos que exploram sobre o sentimento de pertença de imigrantes e de adolescentes LGBTI+. Outros ainda não apresentaram referencial teórico sobre sentimento de pertença, porém relacionam essa temática com o clima escolar (SINGLA, et al., 2020), *bullying* e uso de drogas na adolescência (HATCHEL; MARX, 2018).

No Quadro 4 a seguir apresenta-se o nome das categorias, que emergiram a partir da leitura aprofundada dos estudos e da comparação/análise dos objetivos, sendo que os estudos com objetivos semelhantes foram agrupados e analisados em conjunto. Após apresentação da tabela, o conteúdo de cada categoria será explorado de forma mais detalhada.

QUADRO 4 - ANÁLISE TEMÁTICA QUANTO AOS OBJETIVOS DOS ESTUDOS

Nome da categoria/objetivos dos estudos	Referências
<i>Categoria 1:</i> A Centralidade da Escola na Construção do Sentimento de Pertença de Adolescentes	ANWAR-MCHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; DIMITRELLOU; HURRY, 2019;

	<p>HAMM; FAIRCLOTH, 2015; HATCHEL; MARX, 2018; KASHY-ROSEMBAUM; AISENKOT, 2020; LI; CHEN; LI, 2020; LONGARETTI, 2020; NAPOLI; MARSIGLIA; KULLIS, 2015; PESONEN, et al., 2015; PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2018; ROWE; STEWART, 2009; RYZIN; GRAVELY; ROSETH, 2007; SANMARCO, et al., 2020; SINGLA, et al., 2020;</p>
<p><i>Categoria 2:</i></p> <p>Sentimento de Pertença e o Sofrimento Psíquico de Adolescentes</p>	<p>ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011; UENO, 2005</p>
<p><i>Categoria 3:</i></p> <p>Sentimento de Pertença como Fator de Proteção da Saúde Mental de Adolescentes</p>	<p>ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007; CORRALES, et al., 2016; DALEY; PHIPPS; BRANSCOMBE, 2018; MINKKINEN, et al., 2015; RESNICK; HARRIS; BLUM, 1993</p>
<p><i>Categoria 4:</i></p> <p>Outras Fatores Relacionados ao Sentimento de Pertença de Adolescentes</p>	<p>KING; BOYD; THORSEN, 2015; CAXAJ; BERMAN, 2010; CHEN; SCHWEITZER, 2019</p>

<i>Categoria 5:</i>	PETRILLO; CAPONE; DONIZZETI, 2016; ARSLAN; DURU, 2017.
Validação de Escalas relacionadas ao Sentimento de Pertença de Adolescentes	

Fonte: Elaborado pela autora

4.1) Categoria 1- A Centralidade da Escola na Construção do Sentimento de Pertença de Adolescentes

Esta categoria é composta por 15 estudos que focalizam o contexto escolar. Em alguns, a interface entre o sentimento de pertença de adolescentes e a saúde mental se apresentou no próprio objetivo dos trabalhos (ANWAR-MCHENRY, et al., 2016; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; PESONEN, et al., 2015; PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2018; ROWE; STEWART, 2009; RYZIN; GRAVELY; ROSETH, 2007; SANMARCO, et al., 2020; SINGLA, et al., 2020) enquanto em outros, a temática da saúde mental foi contemplada nos resultados, discussões dos estudos e nos apontamentos dos autores (BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; HAMM; FAIRCLOTH, 2015; HATCHEL; MARX, 2018; KASHY-ROSEMBAUM; AISENKOT, 2020; LI; CHEN; LI, 2020; LONGARETTI, 2020; NAPOLI; MARSIGLIA; KULLIS, 2015).

Três estudos exploraram a perspectiva de adolescentes. O primeiro deles, analisou as complexidades relacionadas ao pertencimento diante dos processos de transição escolar (LONGARETTI, 2020); outro, o papel das amigadas com os pares no pertencimento escolar (HAMM; FAIRCLOTH, 2005); e outro, os fatores que se associam ao sentimento de pertença à escola de adolescentes com dificuldades no âmbito da saúde mental. (PESONEN, et al., 2015).

O estudo de Longaretti (2020) utilizou uma metodologia de investigação narrativa, a partir de entrevistas com 16 adolescentes que estavam em processo de adaptação escolar, devido ao processo de transição de uma escola para outra. Além de entrevistas abertas, a autora utilizou recursos criativos para a coleta de dados, como a classificação de cartões rotulados com alguns conceitos, como resiliência, pertencimento, aceitação, apoio social e com diferentes imagens. Dos

estudos de Ham e colaboradores (2005) e Pesonen e colaboradores (2015) participaram 24 e 5 adolescentes, respectivamente, sendo que os adolescentes do estudo de Pesonen e colaboradores (2015) possuíam dificuldades no âmbito da saúde mental (ansiedade e diagnósticos de transtornos mentais).

De forma geral, para os adolescentes dos 3 estudos, o sentimento de pertença é construído a partir das relações sociais que são capazes de produzir apoio social e emocional e processos de aceitação, de se sentir valorizado e parte de um todo maior. A pertença é desenvolvida a partir de um sentimento geral de conexão com as pessoas, de se sentir bem-vindo e incluído. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015). Os adolescentes dos estudos de Longaretti (2020) e de Ham e colaboradores (2005) ainda destacam que se sentir aceito vincula-se com a possibilidade de ter sua individualidade valorizada, sem a necessidade de mudança para conseguir “se encaixar”, culminando na valorização da diversidade, e não com a padronização das adolescências, em todos os sentidos. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020).

De acordo com os adolescentes do estudo de Pesonen e colaboradores (2015) as relações pobres de proximidade com os pares e com os seus professores, constantes mudanças de escola, atividades escolares pouco motivadoras, bullying e rejeição por parte dos colegas e o estigma relacionado à uma condição de saúde mental prejudicam o sentimento de pertença à escola (PESONEN, et al., 2015). Além disso, no que tange os fatores que favorecem o sentimento de pertença, os participantes destacaram os relacionamentos positivos na escola, pautados na horizontalidade, no respeito das individualidades, na confiança e no apoio mútuo. (PESONEN, et al., 2015).

Os adolescentes do estudo de Longaretti (2020) sinalizaram que quando há sentimento de pertença à sala de aula não há motivos para ter vergonha ou ficar ansioso para fazer perguntas, ou para se expor publicamente, evidenciando que a pertença permite que esses indivíduos se sintam seguros com suas individualidades, potências e dificuldades. Nessa perspectiva, a possibilidade de se sentir pertencente favorece o senso de identidade de adolescentes, pois em grupo os mesmos podem se reconhecer como sujeitos, a partir de suas semelhanças com os outros indivíduos, e também de suas subjetividades. (LONGARETTI, 2020).

Embora todos os estudos que focalizam a perspectiva de adolescentes apontem a importância dos pares para a construção do sentimento de pertença à escola (HAM, et al., 2005;

LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015), o estudo de Ham e colaboradores (2005) focalizou especificamente o papel das amizades nessa construção.

Os autores discorrem que embora as amizades sejam um fator que favorece o sentimento de pertença, elas sozinhas não garantem o pertencimento escolar, enquanto um contexto maior. Esse fato ficou evidente no estudo realizado pelos autores, pois os adolescentes participantes apontam as “panelinhas”³ (diferentes grupos) presentes na escola como algo que dificulta o pertencimento a esse cenário. Segundo eles, na escola podem existir diversos tipos de “panelinha”, como aquelas compostas por pessoas populares, panelinhas por raça e/ou condição socioeconômica, dentre outras, sendo que dificilmente um adolescente consegue transitar entre esses diferentes grupos. Além disso, a depender do grupo ao qual o adolescente faz parte pode sofrer processos de estigmatização e de preconceito, tornando a experiência escolar algo pouco motivadora, e até mesmo produtora de sofrimento psíquico. (HAM, et al., 2005).

Dada essa problemática, alguns participantes do estudo de Ham e colaboradores (2005) relataram se sentirem desconectados (excluídos) do contexto escolar e rejeitados pelo grupo maior de adolescentes, apesar de todos afirmarem ter amigos na escola. Por outro lado, a possibilidade de ter seus próprios grupos possibilitou a escola se tornar um lugar relativamente confortável, apesar do constante sentimento de rejeição e exclusão escolar. (HAM, et al., 2005). Ham e colaboradores (2005) também identificaram que através das amizades e do sentimento de pertença a um grupo de amigos na escola é possível dar e receber apoio/suporte social, e perceber objetivos e valores compartilhados que afirmam o valor individual de cada adolescente e o seu senso de identidade.

Dado os apontamentos dos adolescentes participantes dos estudos mencionados anteriormente, todos os autores reconhecem o papel fundamental e estratégico da escola na promoção de um clima escolar que favoreça o sentimento de pertença, e conseqüentemente a saúde mental de adolescentes. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015). Longaretti (2020) aponta o papel fundamental da escola e dos professores nos processos de transição escolar, ao cuidar desse processo, estimulando as relações sociais nesse cenário, a construção de vínculos afetivos e a participação social. Ainda, Pesonen e colaboradores (2015) destacam o papel da escola na construção do sentimento de pertença de adolescentes com

³ Termo utilizado pelos autores para se referir a grupos de adolescentes que se organizam de forma fechada, dificilmente aceitando entrada de novos membros. (HAM, et al., 2005).

dificuldades no âmbito da saúde mental, que necessitam da participação social (como qualquer pessoa), além da desconstrução do estigma social da doença mental, e da valorização da diversidade, do respeito e tolerância, para se sentirem parte da escola e acolhidos.

Os professores também favorecem o sentimento de pertença de adolescentes à escola, e por isso é importante que tenham acesso à formação no que diz respeito a temática da saúde mental dessa população, para conseguirem acolher e responder às demandas afetivas, atuarem como agentes de promoção da saúde mental, bem como do sentimento de pertença de adolescentes. Nesse sentido, pesquisas futuras podem investigar de que maneira o cotidiano das escolas, no que tange aos aspectos pedagógicos, valores coletivos e normas, e preparo dos educadores para lidar com a diversidade dos alunos, influenciam no sentimento de pertença de adolescentes. (PESONEN, et al., 2015).

Além disso, a compreensão do sentimento de pertença de adolescentes a partir da própria perspectiva desses indivíduos favorece a construção políticas públicas que refletem as reais necessidades dessa população. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015). Por conta disso, Longaretti (2020) enfatiza que pesquisas dessa natureza corroboram com práticas mais efetivas, tanto no que se refere às ações de cuidado estratégico junto à essa população, quanto às ações de promoção da saúde mental, e que pesquisas futuras podem identificar de que maneira as práticas de ensino podem estimular uma cultura social de favorecimento do sentimento de pertença e da saúde mental de adolescentes no contexto escolar.

Outro estudo desta categoria investigou sobre a inclusão escolar de adolescentes com dificuldades no âmbito da saúde mental. (DIMITRELLOU; HURRY, 2019). Segundo os autores, a inclusão é um processo subjetivo e identificável a partir da percepção do sentimento de pertença de cada adolescente, ou seja, para identificar se um indivíduo está de fato sendo incluído na escola é necessário compreender se ele se sente pertencente a esse cenário, fato este que transpassa a presença física na escola. (DIMITRELLOU; HURRY, 2019). Trata-se de um estudo que teve como objetivo analisar a efetividade dos processos de inclusão escolar de adolescentes com dificuldades em saúde mental em 3 escolas secundárias da Inglaterra. Para selecionar os participantes foi utilizado um questionário autoaplicável que identifica a presença dessas dificuldades. (DIMITRELLOU; HURRY, 2019).

O estudo utilizou uma abordagem quantitativa, a partir do uso de um questionário autoaplicável, desenvolvido pelos próprios autores, para avaliar o sentimento de pertença dos

adolescentes participantes com e sem dificuldades em saúde mental. Dessa maneira, o estudo revelou que os que os adolescentes com dificuldades no âmbito da saúde mental (ansiedade, depressão, algum tipo de transtorno mental) possuem baixo sentimento de pertença à escola, tanto no que se refere aos grupos de amigos, quanto à escola enquanto um contexto mais amplo e complexo. (DIMITRELLOU; HURRY, 2019). Tendo em vista essa descoberta, Dimitrellou e Hurry (2019) apontam que para alcançar a inclusão escolar de adolescentes com dificuldades em saúde mental (e não só) é necessário responder às necessidades individuais de cada um, considerando a organização curricular e a provisão e alocação de recursos, de tal maneira a garantir a equidade de oportunidades entre todos os adolescentes.

Outro estudo desta categoria explorou o impacto da autonomia e do sentimento de pertença de adolescentes à escola no ajustamento psicológico (na saúde mental) e no desempenho acadêmico dos mesmos. Trata-se de um estudo quantitativo, realizado com 283 adolescentes de escolas rurais dos EUA, os quais responderam à questionários de autorrelato para avaliação da autonomia na escola, engajamento acadêmico, sentimento de pertença escolar e da esperança. (RYZIN; GRAVEL; ROSETH, 2007).

Observa-se que para avaliar a saúde mental, os autores utilizaram uma escala padronizada de avaliação da esperança dos adolescentes, denominada “Dispositional Hope Scale”, que mensura a expectativa de um indivíduo atingir seus objetivos. Os autores sinalizam que o nível de esperança de uma pessoa, diante de inúmeras situações, está relacionado à assimilação da autoeficácia, autorrealização e à saúde mental. Portanto, altos níveis de esperança predizem uma boa saúde mental, enquanto, as dificuldades nesse âmbito refletem em baixos níveis de esperança. (RYZIN; GRAVEL; ROSETH, 2007).

O estudo revelou que o sentimento de pertença e a autonomia escolar impactam de forma positiva a saúde mental (esperança) dos adolescentes, porém, de forma independente do engajamento acadêmico, ou seja, ter uma boa saúde mental e se sentir pertencente à escola não garantem, necessariamente, um bom desempenho acadêmico. Desse modo, o engajamento acadêmico é uma variável situacional, ou seja, que varia de acordo com as situações do cotidiano escolar e do próprio indivíduo, com os conteúdos pedagógicos, enquanto a saúde mental, o sentimento de pertença e a autonomia, são elementos construídos ao longo do tempo. (RYZIN; GRAVEL; ROSETH, 2007).

Outro estudo desta categoria, Prati, Cicognani e Albanesi (2018), explorou o impacto do “senso de comunidade” de adolescentes à escola na saúde mental desses indivíduos, que é caracterizado pela conexão emocional que as pessoas estabelecem com a comunidade, a partir do sentimento de pertença desenvolvido. Vale destacar que os termos “sentimento de pertença”, “senso de conexão” e “senso de comunidade” são utilizados como sinônimos no estudo pelos autores e, por conta disso, foi considerado elegível para compor a presente revisão.

O estudo avaliou o senso de comunidade de 724 adolescentes a partir de questionários, compostos por questões referentes ao sentimento de pertença à escola, ao apoio social percebido nesse contexto, ao bem-estar psicológico e emocional dos participantes e revelou que o “senso de comunidade” (sentimento de pertença à comunidade) favorece a saúde mental de adolescentes, pois além de corroborar os níveis mais altos de integração social (grau em que um sujeito sente que possui algo em comum com os membros de sua comunidade), desemboca em melhores resultados no âmbito da saúde mental e também em uma maior percepção de aceitação e valorização pela sociedade. Ademais, o estudo revela que o sentimento de pertença à comunidade aumenta na medida em que os adolescentes participam de atividades esportivas, religiosas, serviços voluntários, culturais e organizações políticas. (PRATI, CICOGNANI, ALBANESI, 2018).

Outros cinco estudos desta categoria exploraram o sentimento de pertença à escola como um fator de proteção contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas entre adolescentes (HATCHEL; MARX, 2018; NAPOLI; MARSIGLIA; KULIS, 2015), o *bullying* escolar⁴ (HATCHEL; MARX, 2018; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020) e o *cyberbullying*⁵ (KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020). Todos os estudos sobre a temática da vitimização por pares, destacam que o *bullying* ou o *cyberbullying* podem culminar em vivências de sofrimento psíquico entre adolescentes e abandono escolar. (HATCHEL; KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020; MARX, 2018; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020).

O estudo de Napoli, Masiglia e Kulis (2015) analisou quantitativamente o uso de álcool e

⁴ A literatura tem definido o bullying como um ato de violência intencional e repetitivo, realizado entre pares, destinado à uma ou mais pessoas, que pode ser de ordem física ou psicológica, sem motivação evidente, e é praticado por uma ou por um grupo de pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir a(s) vítima(s), causando dor e angústia à ela(s). Ainda, o bullying envolve desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015; PIGOSI, 2015; HATCHEL; MARX, 2018; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020).

⁵ O termo Cyberbullying é utilizado pelos autores para se referir às situações de bullying que acontecem entre pares no ambiente virtual. (KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020).

outras drogas e os níveis de sentimento de pertença à escola de 243 adolescentes, participantes do estudo. Como resultado, maiores níveis de sentimento de pertença à escola estavam relacionados à menor uso de álcool e outras drogas, em termos de quantidade e frequência. Para mais, autores reconhecem as limitações da pesquisa quantitativa e apontam que estudos futuros, como no caso da pesquisa etnográfica, podem relevar com maior detalhamento, a relação entre o sentimento de pertença e o uso de substâncias na adolescência.

Hatchel e Marx (2018), também demonstraram o efeito protetor do sentimento de pertença à escola contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas na adolescência. Especificamente, os autores focalizaram a população de adolescentes transgêneros⁶, e explorou sobre a possibilidade de o sentimento de pertença à escola prevenir processos de *bullying* vivenciados por esses indivíduos e o uso prejudicial de álcool e outras drogas. De acordo com os autores, os adolescentes transgêneros vivenciam níveis elevados *bullying* na escola, e como consequência apresentam maior uso de álcool e outras drogas do que seus pares cisgêneros⁷. (HATCHEL; MARX, 2018).

O estudo foi realizado com adolescentes em idade escolar do estado da Califórnia, Estados Unidos, que responderam à questionários quantitativos e autoaplicáveis relacionados ao *bullying*, uso de álcool e outras drogas, identidade de gênero e pertencimento escolar. Sendo assim, o estudo revelou que além do sentimento de pertença protege contra o uso dessas substâncias, também contra o *bullying* escolar. (HATCHEL; MARX, 2018). Diante disso, os autores apontam que a escola é protagonista no papel de estimular/favorecer uma cultura de valorização e respeito das diversidades, que permita o sentimento de pertença dos diversos adolescentes, especialmente das populações transgênero, LGBTI+. Ao contrário disso, o que ocorre na prática, em alguns espaços escolares, é o fato de que professores e diferentes membros da equipe escolar não respeitam, por exemplo, o nome que adolescentes transgêneros preferem ser chamados ou até mesmo a opção de sanitário que desejam/precisam usar. Logo, reforça-se que o investimento da escola em um clima escolar afirmativo é uma importante estratégia para o favorecimento do sentimento de pertença à escola, bem como da saúde mental dessa população. (HATCHEL; MARX, 2018).

Ainda sobre a temática do *bullying*, o estudo de Li, Chen e Li (2020) identificou, por meio

⁶ A definição do termo transgênero utilizado pelos autores se refere à descrição de indivíduos que entendem ou expressam seu gênero de maneira que conflitam, ampliam ou transcendem as normas sociais associadas ao seu sexo atribuído no nascimento. (HATCHEL; MARX, 2018).

⁷ O termo Cisgênero é utilizado pelos autores para se referir aos indivíduos que se identificam com o sexo biológico que nasceram. (HATCHEL; MARX, 2018).

de uma metodologia quantitativa realizada com 813 adolescentes de escolas rurais da China, que o *bullying* impacta de forma negativa o engajamento acadêmico dos adolescentes, uma vez que as experiências de sofrer esse tipo de violência podem fazer com que os adolescentes desenvolvam atitudes e motivações negativas relacionadas à escola, desencorajando-os à participar ativamente das atividades propostas em sala de aula, impactando, inclusive, no desempenho acadêmico. Em direção semelhante, o estudo de Sanmarco e colaboradores (2020) constatou, a partir de um estudo quantitativo realizado com 140 adolescentes, que o *bullying* está associado às dificuldades em saúde mental de adolescentes, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e, em alguns casos, ideação suicida, e que estratégias anti-*bullying*, que favoreçam a pertença escolar, contribuem com a saúde mental de adolescentes.

Kashy-Rosenbaum e Aizenkot (2020), investigaram de que maneira o *cyberbullying* dificulta o sentimento de pertença de adolescentes à escola. Trata-se de uma pesquisa quantitativa que explorou aspectos relacionados ao sentimento de pertença, clima social da sala de aula, *cyberbullying* e ao uso do *WhatsApp* dos participantes do estudo, que pertenciam à 28 escolas públicas de Israel. A partir do cruzamento dos dados, os autores identificaram que os adolescentes que relataram ter sofrido *cyberbullying* em seus grupos de classe no *WhatsApp* apresentaram baixo sentimento de pertença à sala de aula. Também foi possível perceber que quanto mais positivo o clima social da sala de aula, ou seja, quanto mais positiva a percepção das relações sociais nesse espaço (no que se refere à horizontalidade das relações, apoio social, respeito das individualidades e estímulo para a participação social), menos expostos os adolescentes estão ao *cyberbullying* e conseqüentemente maiores as chances de se sentirem pertencentes à sala de aula (KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020).

Sanmarco e colaboradores (2020), Hatchel e Marx (2018) e Kashy-Rosenbaum e Aizenkot (2020) apontam a importância de as escolas desenvolverem programas de intervenções, que estimulem/favoreçam a construção do sentimento de pertença para combater processos de *bullying* escolar. Sanmarco e colaboradores (2020) apontam embora pesquisas sobre as características do *bullying* sejam necessárias, aquelas que investiguem estratégias de prevenção são necessárias e urgentes, e a compreensão do sentimento de pertença de adolescentes à escola pode ser um componente essencial na discussão do *bullying* escolar.

Quatro estudos desta categoria retratam intervenções realizadas no âmbito escolar que focalizaram a construção do sentimento de pertença de adolescentes nesse contexto. (ANWAR-

McHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; ROWE; STEWART, 2009; SINGLA, et al., 2020). Todos, em um primeiro momento, descreveram as intervenções, mesmo que em diferentes detalhamentos, e posteriormente os métodos utilizados para avaliar seus impactos (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; ROWE; STEWART, 2009; SINGLA, et al., 2020).

Duas delas apostaram na promoção da saúde mental de adolescentes, a partir do favorecimento do sentimento de pertença. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; SINGLA, et al., 2020). Especificamente, o estudo de Anwar-McHenry e colaboradores (2016) descreve a implementação do programa denominado “Act-Belong-Commit Mentally Health Schools” em 13 escolas da Austrália, e o estudo de Singla e colaboradores (2020) o programa “Strengthening Evidence Base on School-based Interventions for Promoting Adolescent Health Program” implementado em escolas do estado de Bihar, Índia.

O programa “Act-Belong-Commit Mentally Health Schools” teve como objetivo aumentar o conhecimento e as habilidades dos funcionários da escola para lidar com a temática da saúde mental de adolescentes, a criação de ambientes escolares mentalmente saudáveis, fortalecimento dos laços entre as escolas e as comunidades (ou seja, com o território), aumentar o significado e o propósito das atividades e eventos desenvolvidos pelas escolas, e fomentar a participação e a conexão entre os adolescentes e destes com seus professores e demais funcionários da escola. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016).

O programa “Strengthening Evidence Base on School-based Interventions for Promoting Adolescent Health Program- SEHER” é uma intervenção multicomponente que enfatiza a importância de um clima escolar positivo para a promoção da saúde mental de adolescentes, que é caracterizado pela percepção individual e coletiva das relações sociais que acontecem na escola que produzem apoio mútuo, respeito das individualidades, favorece a autonomia, o sentimento de pertença e a participação social dos adolescentes. (SINGLA, et al., 2020).

Ambos programas apresentam um caráter participativo e democrático, que valoriza a autonomia da equipe escolar no processo de intervenção, bem como dos próprios adolescentes (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; SINGLA, et al., 2020). Além disso, os autores dos dois estudos enfatizam que a saúde mental de adolescentes deve ser pauta das instituições de ensino, e compor o currículo pedagógico e as diferentes atividades desenvolvidas. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; SINGLA, et al., 2020). Anwar-McHenry e colaboradores (2016) sublinham, além do

mais, que o cotidiano das escolas também deve ser considerado, e que as estratégias de promoção devem apresentar um caráter cultural e transversal, configurando-se como um valor, uma mensagem a ser disseminada pelos diferentes atores que compõem esse cenário.

Particularmente, a intervenção proposta pelo programa SEHER vislumbrou o desenvolvimento de habilidades para a vida, como por exemplo habilidades sociais, de tal maneira a fomentar relacionamentos positivos e responsáveis entre os adolescentes e destes com os demais membros da equipe escolar, além da habilidade de compreensão das temáticas que perpassam a adolescência, como aquelas relacionadas às mudanças no próprio corpo, sexualidade e uso de álcool e outras drogas. (SINGLA, et al., 2020).

No que toca o impacto das intervenções, o estudo de Singla e colaboradores empregou uma abordagem quantitativa para avaliar o programa, enquanto o estudo de Anwar-McHenry e colaboradores (2016) uma abordagem qualitativa. Singla e colaboradores (2020) coletaram dados pré e pós intervenção e utilizaram as seguintes medidas de avaliação: clima escolar, sintomas depressivos, bullying e perpetração de violência. Dessa forma, os autores identificaram que um clima escolar positivo e estimulante, caracterizado por relacionamentos de apoio e pela possibilidade de desenvolver um sentimento de pertença ao contexto escolar, culminou em taxas mais baixas de sintomas depressivos, experiências de bullying e perpetração de violência.

Anwar-McHenry e colaboradores (2016) procederam com entrevistas individuais e grupos focais, com professores, diretores, coordenadores e os próprios adolescentes participantes da intervenção, e identificaram que a intervenção trouxe o diálogo da saúde mental para o contexto escolar, reduzindo o estigma em torno de questões/dificuldades nesse âmbito, fortalecendo o sentimento de pertença dos adolescentes, melhorando o comportamento dos alunos (tornando-os mais responsáveis academicamente e afetivamente) e o desempenho acadêmico. Além do mais, os adolescentes se mostraram mais proativos para cuidar da própria saúde mental, e também para promover/cuidar da saúde mental dos colegas e demais membros da escola (ANWAR-McHENRY, 2016).

Por fim, os últimos 2 estudos desta categoria também descrevem intervenções de promoção do sentimento de pertença de adolescentes ao contexto escolar, no entanto, em ambos, a interface com a saúde mental foi destacada nos resultados e nos apontamentos dos autores (BORBAMA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; ROWE; STEWART, 2009). Rowe e Stewart (2009) relataram uma intervenção realizada no âmbito de um programa denominado “West Gateway Health Schools

Grant Schem”, desenvolvido em 3 escolas do sudeste de Queensland, Austrália, e teve como objetivo aumentar o senso de conexão de adolescentes à escola, a partir de estratégias de favorecimento do sentimento de pertença, das relações sociais, e também da própria organização da escola no que tange tanto à estrutura física quanto curricular e relacional.

O impacto do programa foi avaliado qualitativamente, por meio de 38 entrevistas aprofundadas e 12 grupos focais, ambos realizados com os diferentes atores participantes do processo, alguns adolescentes e membros da equipe escolar. Desta forma, o estudo detectou que as seguintes estratégias utilizadas pelo programa favoreceram o sentimento de pertença dos adolescentes à escola: atividades extracurriculares baseadas nos interesses dos adolescentes, e aquelas em que envolviam toda a escola, como por exemplo jogos/esportes entre professores e alunos; ambiente escolar acolhedor; parceria escola-comunidade; e participação da família nos processos de ensino-aprendizagem dos adolescentes. Outro impacto apontado pelos adolescentes diz respeito à saúde mental, pois os mesmos apontaram que a intervenção aumentou o sentimento de pertença e conseqüentemente o bem-estar na escola e a autoestima dos adolescentes. (ROWE; STEWART, 2009).

O estudo de Bormana, Rozek e Hanselmand (2019), descreve uma intervenção realizada em 11 escolas de ensino médio dos Estados Unidos, cujo propósito foi permitir que os adolescentes refletissem/ressignificassem o processo de transição para o ensino médio, ajudando-os a compreender que os processos de mudança são comuns e muitas vezes necessários, e que as preocupações sobre conseguir se encaixar ou não à nova escola são válidas, esperadas e precisam ser cuidadas. Os autores coletaram dados pré e pós intervenção, e utilizaram um grupo controle para comparação dos resultados. Participaram da pesquisa 1304 adolescentes, que preencheram questionários quantitativos com perguntas sobre bem-estar social e emocional, sentimento de pertença e identificação com a escola. Após a intervenção, foram detectados maiores índices de sentimento de pertença, bem-estar social e emocional e identificação com a escola entre o grupo que participou da intervenção.

Rowe e Stewart (2009) e Bormana, Rozek e Hanselmand (2019) apontam que as estratégias de promoção do sentimento de pertença de adolescentes ao contexto escolar devem considerar as políticas escolares, bem como as estruturas organizacionais da instituição, e que o bem-estar na escola de adolescentes deve ser uma preocupação constante dos coordenadores e professores da escola.

4.2) Categoria 2: Sentimento de pertença e o Sofrimento Psíquico em Adolescentes

Esta categoria é composta por 5 estudos, que tiveram como objetivo investigar sobre a temática do sentimento de pertença atrelada a vivência de sofrimento psíquico em adolescentes (ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011; UENO, 2005). Destes, 4 exploraram a relação entre o sentimento de pertença e os sintomas de depressão (ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; UENO, 2005) e um entre o suicídio na adolescência (SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011).

Relativamente aos estudos que sobre a depressão, dois foram efetuados com adolescentes LGBTI+⁸ (McCALLUM, McLAREN, 2011; McLAREN, SCHURMANN, JENKINS, 2015), um com adolescentes latinos imigrantes nos Estados Unidos (ESTRADA-MARTÍNEZ, LEE, SHAPIRO, 2019), e um não utilizou nenhuma população de adolescentes em específico (UENO, 2005). McCallum e McLaren (2011) e McLaren, Schurmann e Jenkins (2015) sinalizam que os adolescentes LGBTI+ sofrem importantes processos de exclusão e discriminação social, e em consequência, muitas vezes não desenvolvem um sentimento de pertença aos diferentes espaços da sociedade, fato que pode culminar no desenvolvimento de intensos processos de sofrimento psíquico, como por exemplo a depressão. De modo semelhante, os adolescentes imigrantes, em diferentes regiões do mundo, podem também encontrar contrariedades para se inserirem socialmente e para sentirem que pertencem ao país anfitrião. (ESTRADA-MARTÍNEZ, LEE, SHAPIRO, 2019).

No que corresponde às estratégias metodológicas desses estudos que discorrem sobre a depressão na adolescência, todos foram quantitativos e utilizaram questionários autoaplicáveis tanto para avaliar tanto o sentimento de pertença, quanto os sintomas de depressão dos participantes dos estudos (UENO, 2005; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019). Além de que o estudo de Estrada-Martinez, Lee e Shapiro (2019) utilizou dados nacionais sobre a saúde de

⁸ A sigla LGBTI+ é utilizada para referir-se ao grupo de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e intersexuais. O '+' também presente na sigla foi acrescentado para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero). Informações retiradas de REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 11 Ago 2020.

adolescentes e jovens dos Estados Unidos, e apresentou um caráter longitudinal, com recorte de 14 anos, da adolescência à fase adulta dos participantes.

Esses estudos revelaram que o sentimento de pertença aos diferentes grupos e espaços da sociedade, como a escola e grupo de amigos (UENO, 2005; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015), à comunidade em geral (ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019) e às comunidades LGBTQia+ (McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN, SCHURMANN, JENKINS, 2015), está correlacionado a menores níveis de depressão na adolescência. Outro resultado significativo é relativo ao efeito a longo prazo do sentimento de pertença, que foi identificado no estudo de Estrada-Martinez, Lee e Shapiro (2019), no qual maiores níveis de pertença na adolescência resultaram em menores índices de depressão na fase adulta. (ESTRADA-MARTINEZ; LEE; SHAPIRO, 2019). McCallum e McLaren (2011) e McLaren, Schurmann e Jenkins (2015) apontam que estudos futuros podem investigar mais a fundo e de forma qualitativa, as complexidades que envolvem a o sentimento de pertença de adolescentes LGBTI+ à sociedade, dando maior ênfase para o impacto da homofobia na pertença dessa população aos diferentes espaços.

Outro estudo, Shimshock, Williams e Sullivan (2011), analisou a relação entre o sentimento de pertença e o suicídio na adolescência, e se a ausência de pertença influencia nos resultados de saúde mental e na presença de pensamento suicida nessa população. O estudo utilizou uma escala padronizada e validada para avaliar o sentimento de pertença de 817 adolescentes participantes do estudo, denominada “Psychological Subscale of the Sense of Belonging Instrument- Hagerty e Patusky (1995)”, e escalas de avaliação de sintomas depressivos e de pensamento suicida autorrelatado (com relação ao mês anterior à coleta). Feito isso, os autores observaram que os adolescentes com maiores níveis de depressão e que relataram ter, em algum momento, pensado em tirar a própria vida, possuíam baixos níveis de sentimento de pertença aos diferentes espaços da sociedade, ou seja, o estudo demonstrou que a ausência de sentimento de pertença configura-se como um fator de risco para o suicídio. (SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011).

Os autores apontam que uma investigação mais aprofundada a respeito do sentimento de pertença de adolescentes pode trazer importantes implicações para a compreensão do suicídio na adolescência, no sentido de explorar tanto as estratégias de intervenção em casos de intenso sofrimento psíquico, quanto aquelas relacionadas a detecção precoce do pensamento suicida na adolescência. Em vista disso, um maior entendimento no tocante a maneira como a falta de

pertença influencia no pensamento suicida pode oferecer consideráveis elementos para a compreensão desse fenômeno na adolescência. (SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011).

4.3) Categoria 3: Sentimento de Pertença como Fator de Proteção da Saúde Mental de Adolescentes

Esta categoria é composta por 5 estudos, que objetivaram explorar a respeito do sentimento de pertença na qualidade de fator de proteção da saúde mental de adolescentes (ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007; CORRALES, et al., 2016; DALEY; PHIPPS; BRANSCOMBE, 2018; MINKKINEN, et al., 2015; RESNICK; HARRIS; BLUM, 1993).

O estudo de Daley, Phipps e Branscombe (2018) analisou o impacto protetor do sentimento de pertença contra os efeitos negativos da discriminação social vivenciada por adolescentes com deficiência. Trata-se de um estudo que usou dados de um levantamento nacional do Canadá, denominado “Canadian Community Health Survey”, sobre a satisfação com a vida de adolescentes canadenses, como uma forma de avaliar a saúde mental, e sobre o sentimento de pertença dos mesmos aos diferentes contextos. O estudo constatou que quanto maior o sentimento de pertença dos adolescentes melhores os níveis de satisfação com suas vidas. Nessa direção, os autores apontam que o sentimento de pertença pode amenizar os efeitos negativos da discriminação social, e dessa maneira, impulsionar a participação social de adolescentes com deficiência (DALEY; PHIPPS; BRANSCOMBE, 2018).

O estudo de Corrales e colaboradores (2016) explorou o sentimento de pertença de adolescentes como fator de proteção contra alguns fatores de risco à saúde mental que podem ser vivenciados na infância e adolescência, tais como: situações de abuso (físico e sexual), negligência, presença de conflitos familiares e uso prejudicial de álcool e outras drogas e abandono escolar. Os autores utilizaram uma escala de avaliação do sentimento de pertença, uma que avalia os fatores de risco à saúde mental que podem ser vivenciadas na infância/adolescência (mencionados anteriormente), e outra que avalia a presença de sofrimento psíquico em 254 adolescentes e jovens, com idades entre 17 à 21 anos. Feito isso, constatou-se que quanto mais expostos aos fatores de risco à saúde mental, menores os níveis de sentimento de pertença dos adolescentes, e maior frequência de sofrimento psíquico entre adolescentes. Na direção oposta, detectou-se que o sentimento de pertença está associado à melhores resultados no âmbito da saúde mental de adolescentes expostos à diversos fatores de risco, operando como um elemento que

ameniza os efeitos negativos relacionados às adversidades vivenciadas na infância e adolescência.

Compreendendo esse panorama, Corrales e colaboradores (2016) apontam a necessidade de estratégias e de políticas públicas com ênfase no desenvolvimento positivo de adolescentes e jovens, ou seja, são necessárias ações de promoção e de proteção contra os fatores de risco à saúde mental desses indivíduos, extrapolando as ações no âmbito curativista e aquelas e acontecem no âmbito criminal.

Outro trabalho, Resnick, Harris e Blum (1993), o mais antigo que compõe a amostra, explorou o “senso de conexão/sentimento de pertença” de adolescentes ao contexto familiar e escolar. Destaca-se que os termos “senso de conexão” e “sentimento de pertença” são utilizados como sinônimos pelos autores. O estudo teve como objetivo investigar se o sentimento de pertença à família e a escola podem preservar os adolescentes de vivenciarem dificuldades no âmbito da saúde mental, como transtornos alimentares, uso prejudicial de álcool e outras drogas e ideação suicida, e também contra comportamentos antissociais (criminalidade). Para isso, foram dados de uma pesquisa maior denominada “Minnesota Adolescent”, realizada com adolescentes de escolas públicas do estado de Minnesota, Estados Unidos, os quais revelaram que o sentimento de pertença atua como um fator de proteção da saúde mental e contra a criminalidade, pois ao passo em que os adolescentes participantes apresentaram maior sentimento de pertença à escola e a à família, também mostraram menos problemas relacionados à saúde mental e à escola, e estavam menos envolvidos em atos infracionais (RESNICK; HARRIS; BLUM, 1993).

O estudo de Albanesi, Cicognani e Zani (2007) explorou a relação entre as variáveis senso de comunidade (sentimento de pertença à comunidade), participação em atividades, engajamento político (ativismo político e ação coletiva) e o bem-estar de adolescentes. Participaram do estudo 566 adolescentes, os quais responderam a questionários quantitativos. Como resultado, os autores identificaram que a participação em atividades grupais (grupos de esporte, cultural, religioso, etc), favorece o sentimento de pertença à comunidade, fato que pode estimular o engajamento político, os comportamentos pró-sociais e o bem-estar de adolescentes. Por consequência do pertencimento, os adolescentes encontram oportunidades para explorarem suas identidades e papéis sociais, assim como podem encontrar a possibilidade exercerem cidadania, e lutar por seus direitos. (ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007).

O último estudo desta categoria explorou o sentimento de pertença como proteção contra o suicídio na adolescência e juventude. Trata-se de uma pesquisa que utilizou um questionário on

line, respondido por adolescentes e jovens, com idades de 15 à 30 anos, dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Finlândia, que continha questões quantitativas a respeito do senso de felicidade, exposição à sites pró-suicídio (para identificar os indivíduos que no mês anterior à coleta, apresentaram pensamento suicida) e sobre o sentimento de pertença à família e a comunidade. (MINKKINEN, et al., 2015). Dessa forma, detectou-se que níveis mais altos de sentimento de pertença estão associados à melhores resultados de saúde mental de adolescentes e jovens (mensurada a partir do senso de felicidade), pois os participantes que já haviam apresentado pensamento suicida e que apresentavam maior sentimento de pertença também apresentaram melhores resultados em saúde mental. Os autores apontam que o cuidado estratégico diante das situações que envolvem tentativa ou ideação suicida são de extrema relevância, contudo, reduzir os índices de suicídio entre adolescentes e jovens, por intermédio de estratégias de promoção da saúde mental são fundamentais. Ainda, os profissionais que lidam com essa população devem se atentar aos riscos da internet, e das comunidades on line pró-suicídio. (MINKKINEN, et al., 2015).

4.4) Categoria 4: Outros Fatores Relacionados ao Sentimento de Pertença de Adolescentes

Esta categoria é composta por 3 estudos, que objetivaram investigar a respeito do sentimento de pertença de adolescentes em relação às suas famílias (KING; BOYD; THORSEN, 2015) e em relação à adaptação de adolescentes imigrantes ao país onde se encontram (CAXAJ; BERMAN, 2010; CHEN; SCHWEITZER, 2019). No que diz respeito à imigração, Chen e Schweitzer (2019) realizaram uma pesquisa com 30 adolescentes imigrantes na Austrália, reunidos em uma plataforma on line e convidados a compartilhar e refletir sobre as próprias experiências de pertença. Junto à eles realizou-se uma pesquisa de caráter participativo, na qual os participantes foram considerados especialistas das próprias experiências, e a produção de conhecimento se deu de forma respeitosa e significativa, de tal modo a garantir que a própria experiência de produção de conhecimento se qualifique como uma possibilidade de pertença. (CHEN; SCHWEITZER, 2019).

De acordo com os participantes o sentimento de pertença associa-se às vivências de comunhão e de conexão espiritual com as pessoas, e a outros sentimentos positivos como segurança, proteção, bem-estar e aceitação, e foi transmitido pelos adolescentes como uma experiência em que vários estados afetivos e memórias boas foram ativadas, por meio de sentimentos de nostalgia e familiaridade, também ao senso de identidade, favorecendo a percepção

de si próprio, como sujeito que possui uma história, que encontra possibilidade de “ser” no presente e que pode criar o seu futuro. Logo, a pertença relaciona-se a percepção da autoeficácia, de se descobrir potente e poder oferecer algo ao grupo de pertencimento. (CHEN; SCHWEIZER, 2019).

O estudo de Caxaj e Berman (2010) retrata experiências de pertencimento de adolescentes e jovens imigrantes, com idades de 13 à 28 anos, no Canadá. O estudo relevou que o status de imigrante influenciou de modo direto no sentimento de pertença dos participantes do estudo, em decorrência de experiências de discriminação social, de se sentirem “diferentes” e “estranhos”, culminando em sentimentos de isolamento e alienação. Logo, as experiências de não pertencimento resultaram em sentimentos de inferioridade e de perda (com relação à vida que foi deixada no país de origem). Além disso, circular em espaços públicos e privados foi relatado como algo penoso pelos participantes, mesmo quando há políticas de proteção dos direitos dos imigrantes, pois as restrições são sociais e culturais, e as políticas, muitas vezes, resultam na sensação de estar em evidência, desencadeando sentimentos de vergonha e baixa autoestima. (CAXAJ; BERMAN, 2010).

Os participantes também relataram permanecer em um constante dilema entre desconstruir a própria identidade cultural para se adaptar ao novo país e representar a diversidade. Quanto esse tópico, alguns participantes expressaram uma forte crença nos valores humanitários no que concerne ao respeito e reconhecimento das diversidades, e sublinharam o valor e a potência do intercâmbio cultural. (CAXAJ; BERMAN, 2010).

Chen e Schweitzer (2019) e Caxaj e Berman (2010) apontam a necessidade das instituições que lidam com o público de adolescentes e jovens, trabalharem com a temática da diversidade, do respeito e da potência dos encontros entre as diferentes culturas, de modo a facilitar o sentimento de pertença de adolescentes imigrantes aos diferentes espaços da sociedade.

O último estudo desta categoria explorou os elementos que perpassam o sentimento de pertença de adolescentes aos seus contextos familiares compostos por padrastos, que utilizou dados de um estudo maior denominado “Study of Adolescent to Adult Health”, realizado nos Estados Unidos, que informam sobre o sentimento de pertença dessa população ao contexto familiar e também sobre as relações de proximidades entre os adolescentes com suas mães biológicas e com os seus padrastos. O estudo detectou que a qualidade das relações dos adolescentes tanto com suas mães biológicas quanto com seus padrastos influencia diretamente no sentimento de pertença desses indivíduos à família, entretanto, as mães biológicas desempenham um papel independente

e fundamental nesse processo, ou seja, a pertença depende muito mais da relação que os adolescentes conseguem desenvolver com suas mães do que com os seus padrastos. (KING; BOYD; THORSEN, 2015).

Os autores apontam que os adolescentes que tiveram seus pais separados, e vivem com suas mães e padrastos podem apresentar baixo sentimento de pertença ao contexto familiar, e por consequência manifestar dificuldades relacionadas à saúde mental, como sofrimento psíquico, uso prejudicial de álcool e outras drogas e problemas emocionais. Além disso, são necessários mais estudos que investiguem o sentimento de pertença de adolescentes à família, considerando as diferentes configurações familiares, como famílias compostas por madrastas, irmãos, pais biológicos, adotivos, etc. (KING; BOYD; THORSEN, 2015).

4.5) Categoria 5: Validação de Escalas Relacionadas ao Sentimento de Pertença de Adolescentes

Esta categoria é composta por 2 estudos, que objetivaram desenvolver e validar escalas de avaliação do sentimento de pertença de adolescentes e empregaram a validade de critério como metodologia de pesquisa, que consiste na validação por meio da comparação com outros instrumentos padronizados semelhantes. Ambos utilizaram instrumentos padronizados pré-existentes que avaliam a saúde mental no processo de validação, demonstrando que as temáticas do sentimento de pertença e da saúde mental de adolescentes estão interligadas. (PETRILLO; CAPONE; DONIZZETI, 2016; ARSLAN; DURU, 2017).

O estudo de Petrillo, Capone e Donizzeti (2016) desenvolveu e validou a escala que avalia o “senso de comunidade” de adolescentes ao contexto da sala de aula, denominada “Classroom Sense of Community Scale (SoC-C)”, uma adaptação de uma escala maior que avalia o “senso de comunidade” de adolescentes à comunidade em geral. De acordo com os autores especificar o contexto de avaliação é importante, pois cada cenário tem suas próprias características e dinâmicas de funcionamento. Embora a escala avalie o “senso de comunidade” também avalia o sentimento de pertença, e outros elementos relacionados a ele, tais como engajamento nas atividades em sala de aula, percepção do apoio social, conexão emocional com os colegas e a percepção do próprio valor em um grupo. À vista disso, os termos “senso de comunidade” e “sentimento de pertença” podem ser utilizados como sinônimos. (PETRILLO; CAPONE; DONIZZETI, 2016).

Arslan e Duru (2017) validaram a escala “School Belongingness Scale”, desenvolvida a partir uma revisão teórica de literatura sobre sentimento de pertença, que gerou 17 itens, que buscam apreender a percepção dos adolescentes sobre as relações sociais e suas percepções sobre o próprio pertencimento, o quanto se sentem valorizados, incluídos, aceitos pelos colegas e professores, e também compreender questões referentes à saúde mental, como autoestima, satisfação com a vida e solidão. (ARSLAN; DURU, 2017).

Ambos estudos, após o desenvolvimento das escalas, efetivaram o processo de validação, sendo que, participaram do estudo de Petrillo, Capone e Donizzeti (2016) 360 adolescentes com idades entre 13 e 20 anos, e do estudo de Arslan e Duru (2017) 592 adolescentes, entre 12 e 15 anos. Os resultados dos dois estudos indicam que as escalas são válidas e confiáveis para avaliar o que se propõem, apresentam alta consistência interna e propriedades psicométricas satisfatórias. Ainda, os autores dos dois estudos sinalizam que escalas padronizadas e validadas são fundamentais para intervenções no âmbito da saúde mental, pois podem ajudar na identificação das questões e demandas que necessitam de intervenção. Além disso, esse tipo de avaliação pode ser útil para a avaliação de programas de intervenção, tanto no âmbito da prática quanto da pesquisa. (PETRILLO; CAPONE; DONIZZETI, 2016; ARSLAN; DURU, 2017).

5. DISCUSSÃO

A partir da metodologia empregada foram encontrados 30 estudos, publicados entre 1993 e 2020, sendo 21 produções do período de 2015 a 2020. Apenas um estudo é da década de 1990, indicando o início das investigações sobre sentimento de pertença de adolescentes na interface com a saúde mental, o que pode ser justificado pelo fato de que, nessa época, tanto o cenário nacional quanto mundial estavam concentrados em adicionar novas variáveis e formas de compreensão da saúde mental para além da visão até então vigente advinda da psiquiatria tradicional, cuja concepção de sujeito não considera a família e a comunidade/território como componentes essenciais da discussão dos processos saúde-doença, e não leva em consideração a subjetivação da experiência do sofrimento psíquico, ou seja, era o início da mudança de um paradigma que prevaleceu durante séculos. (AMARANTE, 2007).

De lá pra cá, o debate a respeito da saúde mental de crianças e adolescentes neste cenário de reformas aconteceu posteriormente, conforme abordado detalhadamente por Taño e Matsukura (2015). No entanto, nos últimos anos, hipotetiza-se que com o crescimento dos estudos epidemiológicos indicando um aumento nos índices de sofrimento psíquico de adolescentes (OCDE, 2019; OMS/OPAS, 2016), o que, concomitantemente desemboca em um aumento da detecção dessa demanda pelas escolas e por outros setores de assistência a essa população (sistema judicial, por exemplo), faz aumentar o interesse de pesquisadores no sentido de melhor compreender não só das diferentes possibilidades de adolecer tendo em vista os diversos contextos, como também, os fatores envolvidos na produção de saúde mental e de sofrimento psíquico nas adolescências.

Estudos têm apontado que é no período da adolescência que se inicia o sofrimento psíquico, que, ao longo da vida pode se agravar e se configurar como transtorno mental, o qual é detectado/diagnosticado na fase adulta. Além disto, sinalizam, também, que os adolescentes e jovens, ao redor do mundo, apresentam altos índices de depressão, automutilação, sendo o suicídio a segunda principal causa de morte nessa população (OCDE, 2019; OMS/OPAS, 2016; PATEL, et al., 2007), e uma alta prevalência de transtornos mentais à nível mundial (até mesmo em países desenvolvidos), como por exemplo, Brasil (13%), Estados Unidos (50%), Austrália (27%), dentre outros. (OMS/OPAS, 2016; PATEL, et al., 2007). Ressalta-se que o atual contexto da pandemia da COVID-19, tem resultado em uma ruptura importante no cotidiano dos adolescentes, devido a necessidade de distanciamento social e as demais recomendações necessárias para prevenção e diminuição da transmissão da doença, resultando em tensão, angústia, estresse, ansiedade, o que tende a aumentar os níveis de sofrimento psíquico dessa população. (CID, et al., 2020; SINGH, et al., 2020).

A despeito deste aumento, possivelmente agravado pela atual crise sanitária mundial, estudos apontam que uma há carência de políticas públicas destinadas a desenvolverem estratégias de cuidado específicas para adolescentes. (PATEL, et al., 2007; ROSSI, et. al, 2019). Mais do que o cuidado estratégico, há poucos estudos acerca de intervenções que vislumbram a prevenção de agravos psicossociais e a promoção da saúde mental. (PATEL, et al., 2007; CHAMBERS; PRINGLE; JULIANO-BULT, 2012). Além disso, a pandemia da COVID-19 soma novos desafios no que tange o cuidado à saúde mental de adolescentes.

Há evidências de que a produção de saúde mental e de sofrimento psíquico envolvem uma pluralidade de fatores de ordem biológica, mas também do contexto socioeconômico e cultural. Estudos têm indicado que o não acesso aos direitos básicos, como educação e saúde, ou a vivência dos diferentes tipos de violência são considerados importantes fatores de risco para o sofrimento psíquico (PATEL, et al., 2007; CHAMBERS; PRINGLE; JULIANO-BULT, 2012). Por outro lado, existem os fatores de proteção, capazes de amenizar ou modificar os efeitos negativos da exposição de adolescentes aos fatores de risco, sendo que alguns apontados pela literatura são: percepção de suporte social e ter garantido o acesso aos direitos sociais. (MÂNGIA, et al., 2003; PATEL, et al., 2007; ROSSI, et al., 2019).

Conforme identificado no presente estudo, aponta-se o sentimento de pertença aos diferentes espaços da sociedade como um favorecedor da saúde mental de adolescentes, configurando-se como um importante fator de promoção da saúde mental e de prevenção de agravos nesse âmbito, tais como sofrimento psíquico e uso prejudicial de álcool e outras drogas (ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007; CORRALES, et al., 2016; DALEY; PHIPPS; BRANSCOMBE, 2018). No entanto, claramente, ainda há escassez de estudos que abordem o sentimento de pertença e sua relação com a saúde mental, conforme identificado na presente revisão, já que não foram encontradas publicações advindas da América Latina ou do Continente Africano, por exemplo. Trinta e um, dos 32 artigos localizados estão escritos em língua inglesa, sendo apenas um em espanhol. Houve maior destaque, em termos de quantidade de publicações, para os Estados Unidos e a Austrália, ou seja, países onde a ciência e a produção de conhecimento ocupam um lugar importante, ainda que pouco tenham avançado nas políticas de saúde mental para a população infanto-juvenil. (PATEL, et al., 2007).

Quanto ao contexto nacional, aponta-se que há estudos brasileiros sobre sentimento de pertença e adolescência, porém não de forma articulada com a saúde mental (e por este motivo não compõem este estudo de revisão). (ALVEZ; DUARTE, 2014; AMPARO; ALVES; CÁRDENAS, 2004; BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009; FAGUNDES, 2013; HIRAMA; MONTAGNER, 2012; KOURY, 2010; LEMOS; SANTOS; PONTES, 2009; RAMOS, et al., 2011; SILVA; GRANER-ARAÚJO, 2011; VECCHIA; BARROS; SATO, 2005). Apesar disso, esses estudos fazem apontamentos que corroboram os achados da presente revisão, tais como: sentimento de pertença como favorecedor da construção da identidade de adolescentes (KOURY, 2010; HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; O'BRIEN; BOWLES, 2014), como

possibilidade real de inclusão social (ALVEZ; DUARTE, 2014; DIMITRELLOU; HURRY, 2019) e trazem a importância das relações sociais com os pares e familiares, para que esses indivíduos se sintam parte dos espaços da sociedade. (BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009; HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015; PENDERGAST, et al., 2018; VECCHIA; BARROS; SATO, 2005). De qualquer forma, reforça-se que a investigação a respeito do sentimento de pertença de adolescentes no Brasil é incipiente, mesmo que de maneira não vinculada com o tema da saúde mental.

Pontua-se ainda que existem estudos nacionais que investigam problemáticas semelhantes, porém denominadas de outras maneiras, por exemplo, autores do campo da educação e da psicologia tem se dedicado a investigar sobre a importância dos pares e dos trabalhos em grupo, das assembleias estudantis, da convivência em sala de aula e a formação ética dos adolescentes para resolução de conflitos, clima escolar/relacional, a construção da identidade e do protagonismo infantojuvenil (TOGNETTA; DAUD, 2017; TOGNETTA; SOUZA; LAPA, 2019; VINHA, et al., 2016).

Quanto a metodologia empregada pelos estudos selecionados, nota-se um maior enfoque em pesquisas quantitativas (23 artigos da amostra), sendo apenas 7 qualitativos, e dentre estes, um apresentou abordagem participativa, demonstrando que a produção de conhecimento acerca do sentimento de pertença de adolescentes na interface com a saúde mental tem sido feita SOBRE e não COM a população interessada/focalizada (PARRILLA, et al., 2016; PARRILLA, et al., 2018; NIND, 2017; LIEBENBERG, et al., 2017), evidenciando uma significativa lacuna que pode ser mais explorada em estudos futuros, tendo como respaldo, a própria compreensão de saúde mental que vai além da ausência de doença e engloba aspectos referentes à inclusão e participação social, de forma que o sujeito deve ter garantido seu lugar autêntico de fala nas questões que dizem respeito a ele. (AMARANTE, 2007; CHAMBERS; PRINGLE; JULIANO-BULTO, 2012).

Recentes estudos têm sinalizado a pesquisa participativa como uma forma de produção de conhecimento que se compromete a ser justa e democrática, tendo em vista que envolve os sujeitos em todas as etapas do processo de investigação, valorizando suas vozes e viabilizando, a partir do próprio desenho de pesquisa, oportunidades de transformação de diferentes realidades. (LIEBENBERG, et al., 2017; NIND, 2017; PARRILLA, et al., 2016). Chambers, Pringle e Juliano-Bulto (2012) complementam, apontando que claramente há um abismo entre a pesquisa e a prática profissional no âmbito da saúde mental ao redor do mundo, e que esta não é uma questão de

“tradução do conhecimento”, mas de “produção de conhecimento”, e que um maior impacto na saúde pública poderia ser alcançado se as pesquisas científicas envolvessem as partes interessadas que utilizarão e se beneficiarão dela, como escolas, os próprios sujeitos alvo, diferentes instituições, serviços de saúde e o território.

Conseqüentemente, estudos que se debruçam em analisar de que maneira os adolescentes (advindos de diferentes contextos socioeconômicos, culturais e regionais) compreendem/vivenciam o sentimento de pertença aos seus espaços de circulação (escolas, comunidades, espaços culturais, familiares, etc) podem ser interessantes para ampliar o entendimento a respeito deste ciclo de vida e das dinâmicas em que se produz a saúde mental e o sofrimento psíquico, cavando espaços para o desenvolvimento de estratégias de ações participativas que respondam às demandas reais de grupos específicos.

Outro resultado obtido, se refere ao interesse interdisciplinar e multidimensional da investigação sobre saúde mental na adolescência e sentimento de pertença. A partir da análise dos materiais encontrados, verificou-se que tal relação foi analisada em diferentes contextos, tais como o contexto escolar, familiar, da comunidade em geral ou vinculada a grupos específicos (como comunidades LBGTI+), e também aos aspectos geopolíticos, como no caso de adolescentes imigrantes/refugiados e sob o olhar de alternadas lentes: psicologia, psiquiatria, saúde, interdisciplinaridade, dentre outras. (CAXAJ; BERMAN, 2010; CHEN; SCHWEITZER, 2019; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015).

Verifica-se também que todas as interfaces feitas entre o sentimento de pertença e a saúde mental dessa população pelos autores possuem um caráter ampliado, ou seja, nos estudos, a saúde mental é concebida para além dos transtornos mentais/diagnósticos psiquiátricos, estando relacionada ao acesso à educação, ao lazer, ao esporte, à cultura, à participação social e ao sentimento de pertença. Por esse ângulo, a saúde e o adoecimento se confrontam com múltiplos determinantes sociais, e, portanto, a promoção da saúde exige estratégias que favoreçam a integração de políticas setoriais e tecnológicas inovadoras para a defesa e a garantia da vida. (AMARANTE, 2007; BRASIL, 2014; FERNANDES, 2019).

Relativamente aos referenciais teóricos adotados pelos estudos, a maioria corrobora com a concepção de sentimento de pertença como uma necessidade fundamental dos seres humanos, sendo que, conseqüentemente, sua ausência desemboca em adoecimento na esfera da saúde mental. (BAUMIESTER; LEARY, 1995; OSTERMAN, 2000). Em geral, os achados deste estudo também

legitimam essa compreensão, dado que alguns autores detectaram que o sofrimento psíquico em adolescentes se vincula a não possibilidade/viabilidade de espaços de pertença, seja por questões socioeconômicas, discriminação social, ou devido à vulnerabilidade social das adolescências. (ESTRADA-MARTINEZ; LEE; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHAPIRO, 2019; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011). Ademais os referenciais teóricos datam do período de 1943 (Maslow, 1943) à 2018 (Liamputtong e Kurban, 2018), demonstrando que este debate não é recente. O primeiro referencial de sentimento de pertença especificamente na adolescência é da década de 1960 (Erikson, 1963), sendo que esse e os outros que abarcam essa etapa da vida, não associam de maneira explícita o sentimento de pertença com a saúde mental, apesar de o conceituarem e destacarem a pertença como algo fundamental para os adolescentes.

Quanto aos estudos que exploraram a perspectiva de adolescentes, observa-se que para essa população o sentimento de pertença permite a participação nos diferentes espaços, como por exemplo a escola, pois aumenta a percepção do suporte social, e a segurança com as próprias individualidades, potências e dificuldades. (ESTRADA-MARTINEZ; LEE; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHAPIRO, 2019; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011). Nessa mesma perspectiva, alguns autores têm sinalizado que as redes de apoio social são fundamentais para o favorecimento da saúde mental das pessoas, especialmente de adolescentes. (COBB, 1976; SQUASSONI; MATSUKURA; PANÚNCIO-PINTO, 2014).

De acordo com Cobb (1976) o apoio social diz respeito a percepção que um indivíduo tem sobre as suas relações interpessoais, ao quanto sente que faz parte de um grupo, com o qual compartilha compromissos mútuos e semelhanças, ao mesmo tempo em que acredita ser querido, estimado e amado por seus membros. Levando em conta esse conceito, e os achados desta revisão (ESTRADA-MARTINEZ; LEE; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHAPIRO, 2019; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011), nota-se a evidente relação entre os conceitos redes de apoio, o sentimento de pertença e a saúde mental de adolescentes. Squassoni, Matsukura e Panúncio-Pinto (2014) realizaram um estudo, cujo objetivo foi correlacionar as variáveis percepção do apoio social e dificuldades socioemocionais de adolescentes. A partir dos resultados, obtidos por meio da aplicação de questionários com 532 adolescentes, entre 11 e 18 anos, as autoras notaram que quanto maior a rede de apoio, na escola,

família, outros contextos, maior a percepção do suporte social e conseqüentemente menores as dificuldades socioemocionais dessa população.

Outro resultado desta revisão, refere-se aos estudos que avaliaram de alguma maneira o sentimento de pertença dos adolescentes participantes, sendo que em alguns, itens pontuais sobre a percepção do suporte social, conexão emocional com os pares e outros adultos e a percepção do próprio valor em um grupo foram utilizados (UENO, 2005; ESTRADA-MARTÍNEZ; LEE; SHAPIRO, 2019), e em outros, a pertença foi avaliada por meio de escalas validadas e padronizadas específicas de sentimento de pertença (ALBANESI; CICOGNANI; ZANI, 2007; ARSLAN; DURU, 2017; CORRALES, et al., 2016; LI; CHEN; LI, 2020; McCALLUM; McLAREN, 2011; McLAREN; PETRILLO; CAPONE; DONIZZETTI, 2016; PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2016; SCHURMANN; JENKINS, 2015; SHIMSHOCK; WILLIAMS; SULLIVAN, 2011).

Constata-se, diante disso, que na literatura há uma preocupação em detectar/quantificar os níveis de sentimento de pertença de adolescentes como uma maneira de tomar nota da saúde mental desses indivíduos, e também de detectar as condições de envolvimento emocional e a participação social dessa população nos espaços, e assim sendo, instrumentos dessa natureza podem contribuir/fortalecer a prática de profissionais que lidam com adolescentes, seja no setor saúde, educação ou cultura, e também com a pesquisa. Ainda, as avaliações que mensuram, dentre outros elementos, os níveis de sentimento de pertença podem ser fundamentais para detecção do risco de suicídio, ao passo que, de acordo com achados desta revisão, a falta de pertencimento é um fator de risco para a ideação suicida e para o suicídio na adolescência.

Outro expressivo resultado revela o contexto escolar como o principal espaço de pesquisa e intervenção no que tange o sentimento de pertença de adolescentes, na medida em que 15 estudos focalizaram esse cenário, apontando a escola como espaço fundamental de pertença, pois nele essa população permanece boa parte do cotidiano, e se desenvolve cognitivamente e emocionalmente quando constrói laços de pertencimento. Desse total, 9 estudos exploraram em seus objetivos a relação entre sentimento de pertença e a saúde mental de adolescentes (ANWAR-MCHENRY, et al., 2016; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; O'BRIEN; BOWLES, 2014; PESONEN, et al., 2015; PRATI; CICOGNANI; ALBANESI, 2018; ROWE; STEWART, 2009; RYZIN; GRAVELY; ROSETH, 2007; SANMARCO, et al., 2020; SINGLA, et al., 2020), enquanto os outros 8, embora não abordem a saúde mental nos objetivos, a contempla nos resultados e discussões, realçando a

importância do sentimento de pertença à escola para obtenção de resultados positivos em saúde mental dessa população. (BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; HAMM; FAIRCLOTH, 2015; HATCHEL; MARX, 2018; KASHY-ROSEMBAUM; AISENKOT, 2020; LI; CHEN; LI, 2020; LONGARETTI, 2020; NAPOLI; MARSIGLIA; KULLIS, 2015; PENDERGAST, et al., 2018).

Alguns estudos à respeito do contexto escolar enfatizam a importância das relações sociais e de amizade que acontecem nesse espaço para o desenvolvimento do sentimento de pertença (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015; PENDERGAST, et al., 2018), outros apontam a pertença como fator de proteção contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas (HATCHEL; MARX, 2018; NAPOLI; MARSIGLIA; KULLIS, 2015), contra o bullying escolar (HATCHEL; MARX, 2018; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020) e o cyberbullying (KASHY-ROSEMBAUM; AISENKOT, 2020). Para mais, alguns autores exploraram o impacto de intervenções de promoção do sentimento de pertença realizadas em escolas. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; ROWE; STEWART, 2009; SINGLA, et al., 2020).

De acordo com os achados desta revisão no que toca às relações sociais no contexto escolar, percebe-se que tanto os professores quanto os pares assumem papel fundamental na pertença escolar. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; DIMITRELLOU; HURRY, 2019; O'BRIEN; BOWLES, 2014). Por um lado, os professores, que ao assumir funções que extrapolam o ensino-aprendizagem, desenvolvendo vínculos afetivos com os alunos, contribuem com um maior engajamento nas atividades acadêmicas, com a redução dos índices de evasão escolar e com o favorecimento da saúde mental dos adolescentes. (LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015; RYZIN; GRAVEL; ROSETH, 2007). De modo similar, os amigos, que quando se identificam entre si, formando laços de pertença, apoio e companheirismo, fortalecem mutuamente a autoestima e a saúde mental uns dos outros. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015; PENDERGAST, et al., 2018).

Corroborando esses resultados, alguns autores apontam que as amizades de qualidade entre os adolescentes, aquelas que envolvem lealdade, confiança recíproca e suporte emocional, associam-se ao bem-estar psicológico e à integração social desses indivíduos, e dessa forma, a capacidade de construir e manter amizades satisfatórias constitui-se como um indicador da saúde física e mental dessa população. (CARVALHO, et al., 2017; RODRIGUES, et al., 2020).

Ainda, Carvalho e colaboradores (2017) apontam que as amizades de qualidade favorecem o autoconceito dos adolescentes, isto é, a percepção positiva de si mesmo, que resulta no fortalecimento da autoestima e da saúde mental, o que vai em direção aos resultados do presente estudo que sinalizam o sentimento de pertença como elemento central da formação da identidade dessa população. (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015; PENDERGAST, et al., 2018).

Em relação aos estudos sobre *bullying e cyberbullying*, os achados revelam que ações que favoreçam o sentimento de pertença ao contexto escolar podem agregar variáveis indispensáveis no enfrentamento dessa problemática, que impacta de forma negativa a saúde mental de adolescentes que sofrem esse tipo de violência. (HATCHEL; MARX, 2018; KASHY-ROSENBAUM; AIZENKOT, 2020; NAPOLI; MARSIGLIA; KULIS, 2015; LI; CHEN; LI, 2020; SANMARCO, et al., 2020). Quanto a isso, a literatura tem sinalizado que apesar de evidente a vinculação entre *o bullying/cyberbullying* com as diversas dificuldades no âmbito da saúde mental por parte das vítimas, como sofrimento psíquico, prejuízos sociais e sintomas psicossomáticos, há carência de estudos relativos aos meios de enfrentamento dessas situações de violência. (MELLO, et al., 2009; PIGOZI, 2019). Portanto, há a necessidade de se avançar em estratégias de prevenção do *bullying* e do *cyberbullying*, e o sentimento de pertença pode ser elemento chave neste debate, assim como as ações de promoção da saúde mental no ambiente escolar.

Nessa linha, 4 estudos desta revisão descrevem intervenções desenvolvidas em escolas, de promoção do sentimento de pertença, que culminaram em uma melhora da saúde mental dos adolescentes participantes. Mesmo que esses estudos não tenham se ocupado de relacionar as intervenções descritas com a redução de situações de *bullying e cyberbullying*, acredita-se que servem de inspiração para futuras ações no âmbito escolar que pretendem o enfrentamento dessa problemática. Para mais, podem servir como modelo de promoção da saúde mental de adolescentes, e inspirar estratégias intersetoriais de atuação, como aquelas que se dão entre os setores da saúde e da educação. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND, 2019; ROWE; STEWART, 2009; SINGLA, et al., 2020).

Tais intervenções foram realizadas envolvendo todo o contexto escolar (adolescentes, professores, coordenadores, estrutura organizacional), o fomento de relações sociais positivas nesse cenário, baseadas na horizontalidade, no respeito da diversidade e das singularidades dos adolescentes. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; BORMANA; ROZEK; HANSELMAND,

2019; ROWE; STEWART, 2009; SINGLA, et al., 2020). À vista disso, aponta-se que o sentimento de pertença é produto de relações horizontais, da valorização das diversidades, da expressão das subjetividades, e do reconhecimento das vozes dos adolescentes como protagonistas dos processos que lhes dizem respeito.

Dois estudos, em especial, abrangeram a comunidade/território e a família, por meio de atividades extracurriculares, de aproximação com os pais e familiares e parcerias com outros setores da comunidade. (ANWAR-McHENRY, et al., 2016; ROWE; STEWART, 2009). De fato, tanto a literatura nacional quanto internacional têm sinalizado que a chave para a promoção da saúde mental de adolescentes é o fortalecimento das redes comunitárias, o que corrobora os achados desta revisão. (BRASIL, 2014; BALLARIN; CARVALHO, 2007; PATEL, et al., 2007; TAÑO, 2017).

Quanto às ações e estratégias que se dão nas diferentes esferas da comunidade, autores brasileiros têm trabalhado com a noção de território a qual transpassa o uso meramente geográfico do termo, vislumbra os reais contextos de vida dos sujeitos, e engloba a dimensão da subjetividade, onde o território é o espaço de circulação das relações sociais e dos agenciamentos da própria existência. (BRASIL, 2014; BALLARIN; CARVALHO, 2007; TAÑO, 2017). Ainda, as ações ancoradas na comunidade, corresponsabilizam os atores envolvidos, e estimulam a produção de territórios mais vivos, participativos, nos quais as políticas sociais acontecem devidamente. (TAÑO, 2017; FERNANDES, et al., 2019).

Tendo isso em vista, a escola é um ambiente privilegiado do território/comunidade para o desenvolvimento da população infantojuvenil e de suas famílias, tanto no que se refere à promoção dos fatores protetivos, quanto na detecção de riscos e na redução de danos de agravos psicossociais. (BRASIL, 2014; PATEL, 2017; TAÑO, 2017). Na tentativa de ampliar o debate a respeito do território, aponta-se o sentimento de pertença como um dos elementos que o atravessa, uma vez que este só se faz possível no âmbito do território, espaço subjetivo e ao mesmo tempo coletivo da existência humana. (TAÑO, 2017; BRASIL, 2014). Essa discussão importa especialmente diante do atual cenário político brasileiro, que ameaça a existência da Rede de Atenção Psicossocial, e incentiva à volta da internação psiquiátrica, por meio de constantes tentativas de revogação de importantes portarias e decretos que ancoram os princípios e diretrizes da atenção psicossocial na prática, e cujo cuidado/ações ocorrem exclusivamente em hospitais psiquiátricos e não nos reais contextos de vida dos sujeitos, (BRASIL, 2020b).

Ainda na tentativa de trazer novos elementos para a discussão em torno do território, sinaliza-se a escassez de investigações que se debruçam em compreender, com os adolescentes, o que eles percebem de seus territórios, quais lugares circulam, de que maneira desenvolvem (ou não) sentimento de pertença pelos diferentes espaços de suas comunidades, e o que favorece ou dificulta a pertença.

Ainda acerca dos estudos encontrados nesta revisão que focalizam o contexto escolar, alguns revelaram que o sentimento de pertença possui efeito protetor contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas na adolescência, posto que sentir-se pertencente à escola pareceu suprir demandas afetivas e emocionais (HAM, et al., 2005; LONGARETTI, 2020; PESONEN, et al., 2015). No entanto, ainda não está claro em que medida ocorre esse papel de proteção, pois, hipotetiza-se que os indivíduos que se sintam pertencentes à grupos que fazem uso de álcool e outras drogas podem ser influenciados a reproduzir tal comportamento, logo, mais estudos são necessários para compreender essa dinâmica.

Apesar da escola ser agente promotor da saúde mental de adolescentes, cabe ressaltar que não é atribuição das mesmas a identificação e o diagnóstico de patologias ou transtornos mentais, porém, está ao seu alcance a construção de ambientes que permitam a produção da vida, ações e situações que visem espaços de acolhida, participação e que, portanto, promovam a saúde mental de adolescentes. (BRASIL, 2014), e o sentimento de pertença. Sobre isso, autores da educação tem apontado a necessidade de trabalhar os aspectos relacionados a saúde mental de adolescentes no cotidiano das escolas para além da inserção de um profissional de saúde mental nesse espaço, que desempenha ações pontuais, como palestras ou atendimentos individuais. De acordo com esses autores, é necessário e urgente investir na problemática da convivência entre adolescentes, de tal modo a fortalecer o protagonismo estudantil, a construção da identidade, o sentimento de pertença desses indivíduos a partir de um clima relacional de pertencimento. (TOGNETTA; DAUD, 2017; TOGNETTA; SOUZA; LAPA, 2019; VINHA, et al., 2016)

Por fim, aponta-se que o presente estudo avança ao agregar a variável do sentimento de pertença como parte do debate sobre a saúde mental nas adolescências, especialmente de populações específicas (adolescentes LGBTI+, imigrantes, com deficiência e transtornos mentais), que estão à margem da sociedade, e por conta disso muitas vezes desenvolvem processos de sofrimento psíquico. Além do mais, a partir dos resultados desta revisão, aponta-se que as ações

que vislumbram a pertença dos indivíduos marginalizados se caracterizam como uma forma de resistência, de luta pelo direito de exercer cidadania.

Diante do exposto, e das lacunas identificadas, propõem-se perguntas de pesquisa a serem respondidas por estudos futuros, tais como: de que maneira os adolescentes da América do Sul e do Continente Africano, compreendem o sentimento de pertença? Esses indivíduos o relacionam com a própria saúde mental? A quais lugares e espaços da sociedade os adolescentes têm desenvolvido (ou não) sentimento de pertença? Quais as possíveis relações entre o uso do território com o sentimento de pertença de adolescentes?

Ainda, de que maneira tem se dado o sentimento de pertença das populações que sofrem discriminação social no Brasil, como adolescentes negros, LGBTI+ e com deficiência? Políticas afirmativas existentes têm sido suficientes para garantir a pertença desses grupos à sociedade? Os espaços de cuidado à saúde mental da população adolescente têm permitido que esses indivíduos se reconheçam neles, e desenvolvam sentimento de pertença a eles? Como é possível favorecer o sentimento de pertença dos adolescentes aos diferentes serviços de saúde mental de tal modo a garantir o acesso e a permanência nesses espaços?

Em que medida o sentimento de pertença pode atuar como fator de proteção contra o uso prejudicial de álcool e outras drogas na adolescência? Existe alguma possibilidade de o sentimento de pertença trazer prejuízos para a saúde mental de adolescentes? Logo, qualquer forma de pertença produz/favorece a saúde mental desses indivíduos? É possível considerar o espaço virtual (internet e as redes sociais on line) como um espaço contemporâneo de pertença para os adolescentes? De que forma?

Em suma, apesar dos avanços que este estudo proporciona são necessárias mais investigações a respeito do sentimento de pertença e sua relação com a saúde mental de adolescentes, como é possível favorecê-lo tendo em vista os diferentes espaços da sociedade, e, especialmente considerando o atual cenário da pandemia da COVID-19 que tem limitado os espaços de circulação e as interações sociais entre os adolescentes. Estudos que contribuam com esse debate podem colaborar com o enfrentamento dos agravos psicossociais vivenciados por adolescentes em decorrência da pandemia e promover a saúde mental dessa população. Logo, aponta-se que investigações futuras podem construir evidências mais plausíveis a respeito da potência do sentimento de pertença no favorecimento da saúde mental dessa população.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo mapear e analisar o que a literatura tem apontado sobre sentimento de pertença de adolescentes na interface com a saúde mental, e objetivos específicos: identificar e analisar as definições e as fundamentações teóricas utilizadas nos estudos encontrados; identificar e analisar de que maneira a literatura relaciona as temáticas do sentimento de pertença e da saúde mental de adolescentes; e identificar os diferentes contextos de vida de adolescentes aos quais os estudos investigam a respeito dessa interface. Tendo isso em vista, aponta-se que as pretensões desta revisão foram alcançadas, uma vez que foi exequível examinar a extensão e a natureza do conhecimento científico em torno das produções existentes e a maneira como os autores relacionam o sentimento de pertença com a saúde mental de adolescentes, e identificar as lacunas existentes em torno dessa temática e apontar proposições de estudos futuros.

Observa-se que não foram identificados estudos brasileiros, na América Latina em geral, e no Continente Africano, o que pode de fato representar uma lacuna na literatura científica, porém é importante ressaltar que a metodologia utilizada nesta revisão de escopo pode ter contribuído com a não localização de estudos nessas regiões, e que é possível a existência de produções que trazem as mesmas problemáticas que aquelas encontradas neste estudo, porém utilizando-se de outros termos chave. Além disso, a despeito dos cuidados aplicados ao desenho e à seleção dos estudos, esta revisão pode apresentar limitações referentes às bases de dados, que nem sempre apresentam estabilidade e consistência; limitações na etapa de consulta, em que foram considerados apenas os estudos das listas de referência que possuíam no título o termo “*sense of belonging*” e variantes de idioma e linguísticas, o que pode ter culminado na exclusão de produções que poderiam atender aos critérios de inclusão e compor os resultados; não foram consideradas teses, dissertações, e literatura cinza.

Reconhece-se, a partir dos dados encontrados, que o sentimento de pertença é um elemento fundamental e estratégico para pensar a saúde mental de adolescentes, pois este relaciona-se com a percepção do suporte social, com a construção de redes de apoio, e por se configurar, conseqüentemente, como um fator de proteção da saúde mental desses indivíduos. Também, os resultados revelaram que o sentimento de pertença está vinculado à compreensão de saúde mental

de forma ampliada, no sentido da saúde para além da ausência de doença ou da presença de diagnósticos psiquiátricos.

Metade dos estudos focalizaram a escola, e sendo assim reconhece-se que este é o principal espaço de circulação dos adolescentes, onde as trocas sociais entre pares acontecem. Por conta disso este é considerado um cenário estratégico para a promoção da saúde mental a partir do desenvolvimento da pertença escolar. Vale ressaltar, que a atual pandemia da COVID-19 tem limitado o acesso à escola, aos amigos e aos outros espaços do território, o que pode agravar processos de sofrimento psíquico devido a não possibilidade de convivência e de pertença. Sobre isso, sinaliza-se ser um desafio favorecer o sentimento de pertença das adolescências considerando essas dificuldades de circulação, entretanto, estudos futuros poderiam sinalizar de que maneira isso poderia ser possível.

E ainda, identificou-se que são necessários mais estudos em torno da temática de forma qualitativa, especialmente participativa, estudos realizados na América latina e no Continente Africano, avanços na discussão do sentimento de pertença de populações específicas, como adolescentes em vulnerabilidade social, em sofrimento psíquico, adolescentes LGBTI+ e com deficiência, mais produções a respeito do sentimento de pertença ao contexto familiar, considerando os diferentes tipos de família existentes, e por fim, mais trabalhos que retratem intervenções de promoção do sentimento de pertença de adolescentes.

De qualquer forma, esta revisão revelou que estudos sobre sentimento de pertença são recentes, ainda que sua relação com a saúde mental de adolescentes seja mais contemporânea e tenha indicado que se trata de um importante constructo para o desenvolvimento e a manutenção da saúde mental dessa população. Em vista disso, os achados contribuem com o desenvolvimento de estratégias mais efetivas e contextualizadas da assistência aos adolescentes, e pauta a variável do sentimento de pertença como um favorecedor da saúde mental desses indivíduos, viabilizando espaços reais de participação social, a construção de redes de apoio, e a formação/desenvolvimento da identidade desses indivíduos.

7. REFERÊNCIAS:

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M.V. (Org.) Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005;

ALBANESI, C.; CICOGNANI, E.; ZANI, B. Sense of Community, Civic Engagement and Social Well-being in Italian Adolescents. Wiley InterScience, v.17, n.5, 2007;

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. Rev Bras Educ Fís Esporte, v. 28, n.2, 2014.

AMARANTE, P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AMPARO; D.M.; ALVES, P.B.; CÁRDENAS, C.J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. Rev. Bras. Cres. e Desenv. Hum., São Paulo, v. 14, n.1, 2004;

ANWAR-McHENRY, J.; DONAVAN, R.J.; NICHOLAS, A.; KERRIGAN, S.; FRANCAS, S.; PHAN, T. Implementing a Mentally Healthy Schools Framework based on the population wide Act-Belong-Commit mental health promotion campaign. Health Education, v.116, n.6, 2016;

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: Towards a methodological framework. International Journal of Social Research Methodology. Oxford (UK), v.8, n.1, p.19-32, 2005;

ARSLAN, G.; DURU, E. Initial Development and Validation of the School Belongingness Scale. Child Ind Res, v.10, n.4, 2017;

BALLARIN, M.L.G.; CARVALHO, F.B. Considerações acerca da reabilitação psicossocial: aspectos históricos, perspectivas e experiências. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 162-170;

BALBINOTTI, M.A.A.; SALDANHA, R.P.; BALBINOTTI, C.A.A. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 2, 2009;

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M.R. A necessidade de pertencer: Desejo por apegos interpessoais como motivação humana fundamental. Boletim Psicológico, 1995;

BORMANA, G. D.; ROZEK, C. S.; HANSELMAND, P. Reappraising academic and social adversity improves middle school students' academic achievement, behavior, and well-being. PNAS, v.116, n.33, 2019;

BRASIL. Brasília. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos / Ministério da Saúde, Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Lei nº.13.18, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União. Brasília, DF, 12. nov 2015 [citado em 02 dez. 2019]; Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13188.htm;

BRASIL. Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Brasília, Presidente da república: 2019.

BRASIL. Decreto nº 10.502, de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília, Presidente da república: 2020a;

BRASIL. Ministério da saúde. Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1540-saude-mental-possibilidade-de-revogaco->

[coloca-em-risco-conquistas-historicas-do-pais-alertam-especialistas](#)>. 2020b. Acesso em 12 jan. 2021;

CARVALHO, R. G.; FERNANDES, E.; CÂMARA, J.; GONÇALVES, J. A.; ROSÁRIO, J.; FREITAS, S.; CARVALHO, S. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. *Estudos de Psicologia*, v.34, n.3, 2017;

CAXAJ, C. S.; BERMAN, H. Belonging Among Newcomer Youths Intersecting Experiences of Inclusion and Exclusion. *Advances in Nursing Science*, v. 33, n.4: E17–E30, 2010;

CHAMBERS, D.A; PRINGLE, B.; JULIANO-BULT, D. Connecting Science and Practice in Child and Adolescent Mental Health Services Research. *Adm Policy Ment Health*. v. 39: 321–326 2012;

CHEN, S.; SCHWEITZER, R. D. The Experience of Belonging in Youth from Refugee Backgrounds: A Narrative Perspective. *Journal of Child and Family Studies*, v.28, 2019;

CID, M.F.B.; FERNANDERS, A.D.S.A.; MORATO, G.G.; MINATEL, M.M. (2020). Atención Psicosocial y Pandemia de COVID-19: Reflexiones sobre la Atención a Infancia y Adolescencia que Vive en Contextos Socialmente Vulnerables. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, v. 10, n.2, 2020;

COBB, S. Social Support as a Moderator of Life Stress. *Psychosomatic Medicine*, v. 38, n. 5, p. 300-314, 1976.

CORRALES, T.; WATERFORD, M.; GOODWIN-SMITH, I.; WOOD, L.; YOURELL, T.; HO, C. Childhood adversity, sense of belonging and psychosocial outcomes in emerging adulthood: A test of mediated pathways. *Children and Youth Services Review*, v.63, 2016;

COSTA-ROSA, A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE, P. (Org.). *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000;

COUTO, M.C.V; DELGADO, P.G.G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 17-40, July 2015;

COUTO, M. C. V., DUARTE, C. S.; DELGADO, P. G. G. A Saúde Mental Infantil na Saúde Pública Brasileira: situação atual e desafios. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.30 n.4, 2008;

DALEY, A.; PHIPPS, S.; BRANSCOMBE, N. The social complexities of disability: Discrimination, belonging and lifesatisfaction among Canadian youth. *SSM - Population Health*, v.5, 2018;

DIMITRELLOU, E.; HURRY, J. School belonging among young adolescents with SEMH and MLD: the link with their social relations and school inclusivity. *European Journal of Special Needs Education*, v.34, n.3, 2019;

ESTRADA-MARTÍNEZ, L.M.; LEE, H.; SHAPIRO, E. Trajectories of Depressive Symptoms from Adolescence to Adulthood Among Multiple Latino Subgroups. *Journal of Latinx Psychology*, v.7, n.4, 2019;

FAGUNDES, M. Arqueologia e educação—programa “Arqueologia e comunidades” para crianças e adolescentes no Vale do Jequitinhonha, Brasil. *Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 11, n.1, 2013;

FERNANDES, A.D.S.A. Cuidado em saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: práticas, desafios e perspectivas. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2019. 273 p;

HAMM, J. V.; FAIRCLOTH, B. S. The Role of Friendship in Adolescents’ Sense of School Belonging. *New Directions for Child and Adolescent Development*, n.107, 2005;

HATCHEL, T.; MARX, R. Understanding Intersectionality and Resiliency among Transgender Adolescents: Exploring Pathways among Peer Victimization, School Belonging, and Drug Use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v.15, n.1289, 2018;

HATCHER, S.; STUBBERSFIELD, O. Sense of belonging and suicide: a systematic review. *CanJPsychiatry*. v.58, n, 2013. p. 432–436

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 1, 2012

HITCH, D., PÉPIN, G., & STAGNITTI, K. Nos passos de Wilcock, parte um: a evolução de fazer, ser, tornar-se e pertencer. *Terapia Ocupacional em Cuidados de Saúde*, Londres, v. 28, n. 3, p. 231-246, 2014;

HITCH, D., PÉPIN, G., & STAGNITTI, K. Nos passos de Wilcock, parte dois: A natureza interdependente de fazer, ser, tornar-se e pertencimento, terapia ocupacional em cuidados de saúde, Londres, v. 28, n.3, p. 247-263, 2014;

INCI, Caracas, v.32, n.1, p.07, enero 2007. Disponível em <http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442007000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 28 out 2020;

JUVENON, J. 2006. Sense of Belonging, Social Bonds, and School. In: ALEXANDER, P. A.; WINNE, P. H. *Handbook of Educational Psychology* Routledge. 2ª ed, 655-674;

KASHY-ROSENBAUM, G.; AIZENKOT, D. Exposure to cyberbullying in WhatsApp classmates' groups and classroom climate as predictors of students' sense of belonging: A multi-level analysis of elementary, middle and high schools. *Children and Youth Services Review*, v.108, 2020;

KING, V. K.; BOYD, L. M.; THORSEN, M. Adolescents' Perceptions of Family Belonging in Stepfamilies. *Journal of Marriage and Family*, v. 77: 761-774, 2015;

KOURY, M. G. P. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. *Etnografia*, v. 14, n. 1, 2010;

LEMOS, R. M. F.; SANTOS, L. R. dos.; PONTES, F. A. R. Percepções de Adolescentes acerca de seus Encontros Familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.25, n.1, 2009;

LEÓN, O.D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M.V. (Org.) Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005;

LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. Scoping studies: advancing the methodology. *Implementation Science*, United Kingdom, v.5, p.1-9, 2010;

LONGARETTI, L. Perceptions and Experiences of Belonging During the Transition from Primary to Secondary School. *Australian Journal of Teacher Education*, v.45, n.1 2020;

LI, L.; CHEN, X.; LI, H. Bullying victimization, school belonging, academic engagement and achievement in adolescents in rural China: A serial mediation model. *Children and Youth Services Review*, v.113, 2020;

LIEBENBERG, et al. Meaningful Engagement of Indigenous Youth in PAR: The Role of Community Partnerships. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 16, 2017.

MÂNGIA, E. F.; ASSUMPÇÃO, C.N.; QUINTA, J.M.; RUFINO, M.de F. Necessidades de adolescentes com sofrimento psíquico. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.14, n.3, p. 123-32, 2003;

McCALLUM, C.; McLAREN, S. Sense of Belonging and Depressive Symptoms Among GLB Adolescents. *Journal of Homosexuality*, v.58, n.1, 2011;

McLAREN, S.; SCHURMANN, J.; JENKINS, M. The Relationships Between Sense of Belonging to a Community GLB Youth Group; School, Teacher, and Peer Connectedness; and Depressive Symptoms: Testing of a Path Model. *Journal of Homosexuality*, v.62, n.12, 2015;

MELLO, F.C.M., MALTA, D.C., SANTOS, M.G., SANTOS, M.M.A., SILVA, M.A.I. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015. *Rev. bras. Epidemiol*, v.21, n.1, 2018;

MINKKINEN, J.; OKSANEN, A.; NASI, M.; KEIPI, T. Does Social Belonging to Primary Groups Protect Young People From the Effects of Pro-Suicide Sites?. *The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, v.37, n.1, 2015;

MOHER, D.; LIBERATI, A., TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G., & PRISMA GROUP. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *PLoS medicine*, v.6, n.7, 2009;

MOREIRA, J.O.; ROSÁRIO, A.B.; SANTOS, A.P. Juventude e adolescência: considerações preliminares. *Psico*, v. 42, n.4: 457-464, 2011;

NAPOLI, M.; MARSIGLIA, F. F.; KULIS, S. Sense of Belonging in School as a Protective Factor Against Drug Abuse Among Native American Urban Adolescents. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, v.3, n.2: 25-41, 2015;

NIND, M. The practical wisdom of inclusive research. **Qualitative Research**, v.17, n.3, 2017.

O'BRIEN, K. N.; BOWLES, T.V. The Importance of Belonging for Adolescents in Secondary School Settings. *The European Journal of Social & Behavioural Sciences* (eISSN: 2301-2218), 2014;

OCDE. Health at a Glance 2019: OECD Indicators, OECD Publishing. Paris, 2019. <https://doi.org/10.1787/4dd50c09-en>;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Organização Panamericana de Saúde (OPAS). Relatório sobre a saúde no mundo: saúde mental, nova concepção, nova esperança. Genebra, 2001;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Saúde para os adolescentes do mundo: uma segunda chance na segunda década. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2014;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE- OMS/OPAS. Prevención de la conducta suicida. Washington, D. C: OPS, 2016.

OSTERMAN, K. F. Student's need for belonging in the school community. *Review of Educational Research* Fall, v.70, n.3, pp. 323-367, 2000;

PARRILLA, A.; RAPOSO-RIVAS, M.; FIGUEIRA-MARTINEZ, E. Procesos de movilización y comunicación del conocimiento en la investigación participativa. **Opción**, v. 32, n.12, 2016.

PARRILLA, A. et al. Lecciones esenciales sobre el trabajo en red inter-escolar. Profesorado **Revista de currículum y formación del profesorado**, v. 22, n.2, 2018.

PATEL, V.; FLISHER, A. J.; HETRICK, S; MCGORRY, P. Mental health of young people: a global public-health challenge. *Lancet*, v. 369, n. 9569: 1302–1313, 2007;

PENDERGAST, D.; ALLEN, J.; MCGREGOR, G.; RONKSLEY-PAVIA, M. Engaging Marginalized, “At-Risk” Middle-Level Students: A Focus on the Importance of a Sense of Belonging at School. *Education Sciences*, v.8, n.138, 2018;

PESONEN, H.; KONTU, E.; SAARINEN, M.; PIRTTIMAA, R. Conceptions associated with sense of belonging in different school placements for Finnish pupils with special education needs. *European Journal of Special Needs Education*, v.31, n.1, 2015;

PETERS, M.D.J.; GODFREY, C.; MCLNERNEY, P; BALBINI SOARES. C.; KHALIL, H.; PARKER, D. Chapter 11: Scoping Reviews. In: Aromataris E, Munn Z (Editors). *Joanna Briggs Institute Reviewer's Manual*, JBI, 2017.

PETRILLO, G.; CAPONE, V.; DONIZZETTI, A. R. Classroom sense of community scale: validation of a self-report measure for adolescents. *Journal of community psychology*, v.44, n.3, 2016;

PIGOZI, P.L. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. *Psysis: Revista de Saúde Coletiva*, v.28, n.3, 2018;

PRATI, G.; CICOGNANI, E.; ALBANESI, C. The influence of school sense of community on students' well-being: A multilevel analysis. *Journal of Community Psychol*, v.46, n.7, 2018;

PRINCE, E.J., HADWIN. The role of a sense of school belonging in understanding the effectiveness of inclusion of children with special educational needs. *International Journal of Inclusive Education*, v.17, n.2, 2013;

RAMOS, J. S.; NETO, A.F.P.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura Identitária pró-anorexia: características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. *Interface: comunicação saúde educação*, v.15, n.37, 2011;

REIS, T., org. *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 11 Ago 2020;

RESNICK, M. D.; HARRIS, L.J.; BLUM, R.W. The impact of caring and connectedness on adolescent health and well-being. *J. Paediatr. Child Health*, v.29, n.1,1993;

RIBEIRO, P.R.M. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da colônia à república velha. *Psicologia em estudo*, v.11, n.1, 2006;

RODRIGUES, E. F.; GOMES, G. C.; LOURENÇÃO, L. G.; ALVAREZ, S. Q.; PINTANEL, A. C.; RIBEIRO, J. P. A influência das amigadas no comportamento e na saúde dos adolescentes. *Research, Society and Development*, v.9, n.8, 2020;

RYZIN, M. J. V.; GRAVELY, A. A.; ROSETH, C. J. Autonomy, Belongingness, and Engagement in School as Contributors to Adolescent Psychological Well-Being. *Journal Youth Adolescence*, v. 38:1–12, 2009;

ROSSI, L. M.; CID, M. F. B.; MARCOLINO, T. Q.; SPERANZA, M. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Cadernos de saúde pública*, v. 35, 2019;

ROWE, F.; STEWART, D. Promoting connectedness through whole-school approaches: a qualitative study. *Health Education*, v.109, n.5, 2009;

SANMARCO, J.; BOLÍVAR, X. C.; MARTINEZ, V; M.; NOVO, M. El efecto mediador del ajuste psicológico en la relación entre la victimización por acoso escolar y el sentido de pertenencia escolar. *Publicaciones. Facultad de Educación y Humanidades del Campus de Melilla*, v.50, n.1: 43-59, 2020;

SHIMSHOCK, C. M.; WILLIAMS, R. A.; SULLIVAN, B. J. Suicidal Thought in the Adolescent: Exploring the Relationship Between Known Risk Factors and the Presence of Suicidal Thought. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, v.24, n.4, 2011;

SINGH, S.; ROY, D.; SINHA, K.; PARVEEN, S.; SHARMA, G.; GUNJAN, J. Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: A narrative review with recommendations. *Psychiatry Research*, 293: 113429, 2020;

SILVA, J. F.; CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S. Atenção psicossocial de adolescentes: a percepção de profissionais de um CAPSij. *Cad. Bras. Ter. Ocup*, v.26, n.2., 2018.

SILVA, N. P.; GRANER-ARAÚJO, R. C. O adolescente, tráfico de drogas e função paterna. *Rev. psicol. polít*, v.11, n. 21, 2011;

SINGLA; SHINDE; PATTON; PATEL. The Mediating Effect of School Climate on Adolescent Mental Health: Findings from a Randomized Controlled Trial of a School-Wide Intervention. *Journal of Adolescent Health*, 2020;

SQUASSONI, C.E.; MATSUKURA, T.S.; PANÚNCIO-PINTO, M.P. Apoio social e desenvolvimento socioemocional infantojuvenil. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 25, n. 1, p. 27-35, jan/abr., 2014;

TAÑO, B.L. A constituição de ações intersetoriais de atenção às crianças e adolescentes em sofrimento psíquico. Tese de Doutorado do Programa Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos: UFSCar, 2017;

TAÑO, B. L.; MATSUKURA, T. S. Saúde mental Infatojuvenil e desafios do campo: reflexões a partir do percurso histórico. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, v.23, n.2, 2015;

TOGNETTA, L.R.P.; DAUD, R.P. Quem educa em um ambiente educacional? O legado Piagetiano para pensar a convivência ética na escola e o papel da autoridade e do protagonismo infanto-juvenil. *Rev Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*. v.9, 2017;

TOGNETTA, L.R.P.; SOUZA, R.A.; LAPA, L.Z. A implementação das equipes de ajuda como estratégia de superação do bullying escolar. *Rev.educ.PUC-Camp*. V.24, n.3, 2019;

UENO, K. The effects of friendship networks on adolescent depressive symptoms. *Social Science Research*, v.34, n.3, 2005;

VECCHIA, T.; BARROS, D.D.; SATO, M. Jovens do bairro da Pedra do Papagaio: notas sobre uma oficina de fotografia – Projeto Casa Rosa. *Imaginário*, São Paulo, v. 11, n. 11, 2005.

VINHA, T.P.; MORAIS, A.; TOGNETTA, L.R.P.; AZZI, R.G.; ARAGÃO, A.M.F.; MARQUES, C.A.E.; SILVA, L.M.F.; MORO, A.; VIVALD, F.M.D.; RAMOS, A.M.; OLIVEIRA, M.T.A.; BOZZA, T.C.L. O Clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas. *Est. Aval. Educ.* v.27, n.64, 2016;

WILCOCK A. *Uma Perspectiva Ocupacional de Saúde* (2ª ed.). Thorofare, NJ: SLACK Incorporated, 2006;

WILCOCK A. Ocupação e saúde: Eles são um e o mesmo? *Journal of Occupational Science*, Londres, v. 14, n. 1, p. 3-8, 2007;